



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

LARISSA AYUMI SATO

**IMAGENS E MEMÓRIAS:
A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO E FONTE DE PESQUISA
PARA A RECUPERAÇÃO HISTÓRICA DA COLÔNIA ESPERANÇA
(1935-1963)**

Londrina
2010

LARISSA AYUMI SATO

**IMAGENS E MEMÓRIAS:
A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO E FONTE DE PESQUISA
PARA A RECUPERAÇÃO HISTÓRICA DA COLÔNIA ESPERANÇA
(1935-1963)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Boni

Londrina
2010

LARISSA AYUMI SATO

**IMAGENS E MEMÓRIAS:
A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO E FONTE DE PESQUISA
PARA A RECUPERAÇÃO HISTÓRICA DA COLÔNIA ESPERANÇA
(1935-1963)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo César Boni
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Alberto C. A. Klein
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini
Universidade Estadual de Maringá

Londrina, 24 de fevereiro de 2010.

DEDICATÓRIA

A Hatsue Maruo Sato, Hiroji Sato, Akira Tokushima e Sadako Tanamura Tokushima, minhas inspirações e lições de vida. Saudades sempre - gostaria que estivessem aqui.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sirley e Antonio, por tudo o que são e representam para mim. Suas lições sobre o cotidiano na Colônia Esperança, presenças constantes e exemplos de perseverança para a concretização deste trabalho e em cada momento da minha vida.

Aos meus irmãos, Vinicius e Melissa, ao meu noivo, Cleber, e a todos os meus familiares, fontes de estímulo e incentivo para todas as horas.

Ao Prof. Paulo Boni, meu orientador, que me levou a descobrir o fascinante mundo da fotografia para contar histórias, grande entusiasta e incentivador deste trabalho.

Aos meus amigos queridos, sejam eles de longa data ou mesmo recentes, cada um com sua particularidade, presenças fundamentais na minha vida.

À primeira turma do Mestrado em Comunicação Visual da Universidade Estadual de Londrina, que compartilharam comigo a experiência fantástica do conhecimento e da amizade.

Aos professores todos que contribuíram para minha formação pessoal e profissional ao longo de todo este aprendizado, sejam eles docentes formais ou sábios observadores da vida cotidiana.

Aos pioneiros da Colônia Esperança, que apostaram suas vidas no sonho da tão desejada terra própria na Colônia Esperança e a ajudaram a existir.

A Teiji e Ritsu Tanamura, e Guisabu e Tatsu Tokushima, que sonharam com novas perspectivas de vida ao vir para o Brasil. E a Rikitaru e Tsuyo Maruo, Hirokiti e Fuji Sato, que, além disso, acreditaram na ideia da Colônia Esperança e aqui depositaram seu amor e sua fé. Meus bisavós.

A Hiroji Sato e Hatsue Maruo Sato, que continuaram o sonho dos pais e participaram do processo de formação da Colônia Esperança. E a Akira Tokushima e Sadako Tanamura Tokushima, que lá se fixaram anos mais tarde, mas que também a tornaram a realização de suas vidas. Os grandes responsáveis pelo meu amor a esta terra.

A cada pessoa que participou e contribuiu de alguma forma deste processo fascinante de aprendizagem que foi o meu Mestrado em Comunicação.

A Deus, que me guia mesmo quando não enxergo os caminhos e me conduz nesta vida tão cheia de surpresas.

"Aqueles que passam por nós
Não nos deixam sós, não vão sós.
Deixam um pouco de si,
Levam um pouco de nós".

Antonio Estorilio.

"O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas
pararem no tempo".

Mário Quintana.

SATO, Larissa Ayumi. **Imagens e Memórias: a fotografia como documento e fonte de pesquisa para a recuperação histórica da Colônia Esperança (1935-1963).** 2010. 121p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

A utilização de fotografias como fonte de pesquisa e documento histórico tem se configurado como importante instrumento no processo de reconstituição da história de lugares de colonização recente, como a Colônia Esperança, comunidade rural situada na cidade de Arapongas, na fronteira com Apucarana, no norte do Paraná. O presente estudo considera que o resgate das imagens antigas desta comunidade e a busca por detalhes que possam contextualizá-las tornam-se ferramentas importantes para recuperação de cenários que hoje se encontram modificados pela passagem do tempo. No caso da Colônia Esperança, que surgiu como um reduto de japoneses católicos em busca de terras mais férteis e melhores condições de vida em torno de uma ideologia comum (manter suas práticas religiosas e os costumes de seu país de origem), este tipo de análise se torna particularmente relevante devido ao fato de que a história da localidade não se encontra devidamente sistematizada. A colônia foi fundada em 1935, antes mesmo da própria cidade Arapongas, que se iniciou em 1937, fruto dos trabalhos de colonização realizados pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Neste sentido, esta pesquisa adota como procedimentos metodológicos a leitura, a análise iconográfica e a interpretação iconológica dos elementos da fotografia, pesquisa bibliográfica e documental, além da história oral - como técnica - para resgatar aspectos da colonização e da vida cotidiana das décadas iniciais (30 a 60) da localidade. Ao final do projeto, espera-se que a sistematização obtida a respeito da história da Colônia Esperança, enriquecida com imagens raras - que se encontravam em poder das famílias de pioneiros -, depoimentos e documentos inéditos, fundamentais para este processo, possa contribuir para evidenciar o papel da fotografia como documento histórico e fonte de pesquisa.

Palavras-chave: História da colônia esperança. Fotografia. Documento iconográfico. Fonte de pesquisa. História oral.

SATO, Larissa Ayumi. **Images and Memories:** photography as document and research source for the historical recovery of Colônia Esperança (1935-1963). 2010. 121p. Dissertation (Master`s degree in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

The use of photography as research source and historical document has been set as important instrument in the process of historical recovery of recent settlement places as Colônia Esperança, rural community located in the city of Araçongas, on the border of Apucarana. This study considers the rescue of this community's ancient images and the search of details that can contextualize this pictures become important tools for the recovery of scenarios that nowadays are modified by the passage of the time. In the case of Colônia Esperança, that appeared as a redoubt of catholic Japanese people searching for more fertile lands and better life conditions, around a common ideology (keep their religious practices and the customs of their origin country), this kind of analysis become particularly relevant due to the history of this location is not properly systematized. The colony was founded in 1935, even before the city of Araçongas, that was started in 1937, product of colonization works made by Companhia de Terras Norte do Paraná. This sense, this research uses as methodological procedures the reading, the iconographic analysis and the iconological interpretation of photography's elements, bibliographic and documentary research, in addition to the oral history - as technique - to salvage colonization and everyday life aspects in the initial decades (30's to 60's) in the location. In the end of this project, it's expected the obtained systematization about the history of Colônia Esperança, enriched with rare pictures that were in hand of the pioneer families, unpublished testimonials and documents, fundamental for this process, can contribute to evidence the role of the photography as historical document and research source.

Keywords: History of colônia esperança. Photography. Iconographic document. Research source. Oral history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Cidade de Arapongas, localizada no Paraná	16
Figura 2 – Mapa das cidades produtoras de móveis no norte do Paraná.....	17
Figura 3 – Primeiros trabalhos na Colônia Esperança	65
Figura 4 – Clareira aberta pelos desbravadores em 1935, na (atual) Gleba Pirapó.....	67
Figura 5 – Estrada aberta em meio à mata	68
Figura 6 – Homens trabalhando na abertura da mata	69
Figura 7 – União de forças para o transporte braçal de toras	70
Figura 8 – Serragem de grande tora com serra manual	71
Figura 9 – Trabalho conjunto	72
Figura 10 – Pioneiros e ferramentas	73
Figura 11 –v Animais silvestres constituíam a base da alimentação dos desbravadores ...	74
Figura 12 – À margem de um córrego (provavelmente o Rio Pirapó).....	75
Figura 13 – Ponte sobre o rio Pirapó	76
Figura 14 – Primeira missa.....	78
Figura 15 – A cruz de peroba	79
Figura 16 – Primeiros moradores com padre Kircher	80
Figura 17 – Primeiros moradores	80
Figura 18 – Primeira escola.....	82
Figura 19 – Inauguração da primeira escola.....	83
Figura 20 – Primeiros alunos da escola.....	84
Figura 21 – Formatura da primeira turma primária.....	85
Figura 22 – Trabalho com o café.....	87
Figura 23 – Lavagem do café	88
Figura 24 – Amontoar o café.....	89
Figura 25 – Yurio e Tsuru Hasegawa, na plantação de verduras	90
Figura 26 – Parte da família Hasegawa no depósito de tomates	91
Figura 27 – Trabalho como tomate	91
Figura 28 – Caminhão era utilizado para debulhar arroz	92
Figura 29 – Granja Hasegawa	93
Figura 30 – Trabalho com o algodão.....	94
Figura 31 – Acidente com caminhão de algodão	95
Figura 32 – Inauguração da Igreja em 31 de outubro de 1955	96

Figura 33 – Recepção às autoridades da diocese de Londrina	97
Figura 34 – Outro ângulo da recepção às autoridades da diocese de Londrina	98
Figura 35 – Recepção a autoridade japonesa	99
Figura 36 – Primeira comunhão	100
Figura 37 – Undokai	101
Figura 38 – Pescaria de garrafas.....	102
Figura 39 – Vista parcial da festa dos escoteiros em 10 de janeiro de 1943.....	103
Figura 40 – Escoteiros e alunos em frente ao Grupo Escolar da Colônia Esperança.....	103
Figura 41 – Parte da família de Yurio Hasegawa em novembro de 1940.....	104
Figura 42 – Filhos de Yurio Hasegawa e o cachorro	105
Figura 43 – Padre Sasaki em visita à família Hasegawa	106
Figura 44 – Frei Pedro, Yurio Hasegawa e outros	107
Figura 45 – Crianças e os locais para lavar roupas	108
Figura 46 – O caminhão	109
Figura 47 – Caminhão atolado	110
Figura 48 – Fujinkai	111
Figura 49 – Teatro	112
Figura 50 – Correio e Venda	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Movimento pastoral na Colônia Esperança nos anos de 1952 e 1953	37
Tabela 2 – Relatório do movimento pastoral em Colônia Esperança nos anos de 1954, 1955 e 1956	38
Tabela 3 – Relatório do movimento religioso na Colônia Esperança nos anos de 1958 e 1959	39
Tabela 4 – Quadro sinóptico de Panofsky.....	58
Tabela 5 – Quadro sinóptico de Panofsky 2.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O JAPÃO NO BRASIL	13
2 SHIN AI SHOKUMINCHI	16
2.1 EM PROMISSÃO, A IDEIA DE UMA NOVA COLÔNIA	20
2.2 DE YAMAGATA PARA A COLÔNIA ESPERANÇA	22
2.3 PRIMEIROS PASSOS NA NOVA TERRA	23
2.4 O PROJETO DA CTNP.	25
2.5 A ORIGEM DO NOME	26
2.6 A GUERRA	26
2.7 A CONSTRUÇÃO DA IGREJA EM ALVENARIA	27
2.8 CRONOLOGIA DE OUTROS FATOS RELEVANTES	28
3 A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO E FONTE DE RECUPERAÇÃO HISTÓRICA	40
3.1 A FOTOGRAFIA É FONTE DE PESQUISA.....	47
3.2 ANÁLISE ICONOGRÁFICA E INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA	52
3.3 HISTÓRIA ORAL.....	59
3.4 O EXERCÍCIO FASCINANTE.....	61
4 IMAGENS DA COLÔNIA	64
4.1 ABERTURA DA MATA	65
4.2 A FÉ.....	77
4.3 A EDUCAÇÃO.....	81
4.4 A AGRICULTURA E O TRABALHO.....	86
4.5 AS FESTIVIDADES.....	95
4.6 O COTIDIANO.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	118

1 INTRODUÇÃO - O JAPÃO NO BRASIL

Durante as comemorações do centenário do início da imigração japonesa no Brasil, ocorrido no ano de 2008, diversas peculiaridades da vida dos japoneses no país se tornaram ainda mais evidentes. As contribuições que trouxeram, os frutos de seus trabalhos e, principalmente, suas histórias de vida e das colônias por eles formadas ganharam destaque tanto na mídia quanto no meio acadêmico.

No entanto, ainda há aspectos dessa trajetória que não se encontram devidamente sistematizados como mereceriam. O foco deste estudo é um desses casos. Trata-se da reconstituição da história de uma comunidade formada por nipônicos católicos na região norte do estado do Paraná, entre as cidades de Arapongas e Apucarana: a Colônia Esperança, ou *Shin Ai Shokuminchi* (em japonês).

Uma companhia que demarcava e vendia propriedades de mata virgem no norte do Paraná. O agenciador japonês, criador de estratégias e disposto a atrair novos compradores da descendência. Uma região de mil alqueires na Gleba Pirapó (região localizada entre as cidades de Arapongas e Apucarana). Um grupo de nipônicos com intuito de comprar suas próprias propriedades, e o sonho de obter melhores condições de vida. Um catequista que desejava procurar terras livres de malária e formar um reduto de japoneses católicos. Somam-se a esses fatores a fé e o amor, que se unem para que nasça a esperança. Dessa conjuntura, nasceu a Colônia Esperança.

O ano era 1934. A grande área, de cerca de mil alqueires, deu origem à comunidade que se iniciou antes mesmo da demarcação das terras destinadas a se tornar município de Arapongas. A região, de águas próximas, limpas e abundantes, chamou a atenção de Koshiro Suzuki, um missionário japonês que veio catequizar em terras brasileiras e um dos que primeiro chegaram para conhecer a área. Os negócios foram tratados com o agenciador Hikoma Udihara, funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).

O nome Colônia Esperança, de acordo com Suzuki, surgiu da união entre a fé (em japonês *shin*) e o amor (*ai*), que fazem nascer a esperança. Com estes sentimentos, os pioneiros tiveram dias de trabalho duro, nos quais era necessário abrir caminhos em meio à mata virgem, enfrentar as adversidades da floresta, conviver com a falta de recursos e vencer a distância de outros povoamentos.

O propósito da fundação da colônia era reunir os japoneses católicos em lugar único, onde fosse possível praticar a tradição cristã e proporcionar a educação religiosa

dos filhos, o que, devido à vigente dificuldade dos japoneses mais idosos em aprender o idioma português, tornava-se difícil em outras localidades do país por onde se achassem disseminados, segundo o livro crônica, escrito pelos secretários e padres da igreja - um dos documentos que balizou a história aqui revelada.

O objetivo desta dissertação é recuperar - setenta e três anos após a chegada das primeiras famílias à região - a história do nascimento e desenvolvimento da Colônia Esperança através de fotografias antigas, muitas delas inéditas e digitalizadas para as análises neste estudo. Para tanto, definiu-se como recorte temporal o período de 1935, ano de fundação da comunidade, até 13 de janeiro de 1963, data em que terminam as traduções dos livros ata da associação de moradores, um dos documentos descobertos e que balizaram esta pesquisa.

O uso da fotografia como fonte de pesquisa e documento histórico se torna possível graças à particularidade que oferece, por ser uma mídia que reconstitui cenários, e possibilita rever detalhes e situações da história. Ainda que este tipo de imagem seja uma representação da realidade e apresente apenas um ângulo de visão, um enquadramento que ficou congelado naquele instante, os dados que se encontram ali gravados representam a verdade de quem presenciou aquele acontecimento. Em outras palavras, a fotografia é, necessariamente, uma expressão da verdade.

Parte-se do princípio de que a fotografia é, antes de tudo, uma fonte. Aliada aos outros meios de informação, permite indagar a realidade e é documento importante para desvendar aspectos do passado de forma mais rica e detalhada. Tais imagens que, ao longo do tempo, foram acumuladas nos arquivos da Igreja Sagrado Coração de Jesus e pelos pioneiros e seus descendentes, hoje são registros fundamentais para enriquecer e expor situações até então pouco exploradas.

Este trabalho se estrutura da seguinte maneira: no capítulo dois, a história da Colônia Esperança, desde o início do projeto da CTNP e de Hikoma Udihara, de um lado, e do sonho de um grupo de pessoas em formar uma comunidade católica de japoneses, do outro. Além disso, há a descrição dos primeiros trabalhos necessários para abrir a mata fechada da região norte do Paraná, as primeiras benfeitorias e festividades, os reflexos da Segunda Guerra Mundial que colocou brasileiros e japoneses em lados opostos e trouxe dificuldades e restrições aos moradores da colônia.

A fundamentação teórica e a metodologia de trabalho empregadas nesta dissertação se encontram no capítulo três, que discorre sobre a importância da fotografia como documento e fonte de pesquisa para recuperação histórica. Isso se torna possível a partir

da análise iconográfica e da interpretação iconológica realizadas nas fotografias resgatadas e digitalizadas durante o período de pesquisa.

Além disso, soma-se um complemento essencial: a utilização da história oral como técnica para complementar estes estudos. Os depoimentos de quem viveu e experienciou as mais variadas etapas de formação da comunidade são a verdade que torna viável, no presente, compreender os acontecimentos, contextualizar os eventos e esclarecer as razões e fatos exibidos pelas imagens.

Outra parte imprescindível deste processo foi a pesquisa bibliográfica e documental dos acervos de documentos da igreja, em que diários em forma de livros ata de reuniões detalham especificidades de diversos momentos entre os anos de 1937 e 1963 na comunidade, sejam em eventos da associação japonesa ou da igreja, que se encontram na casa de um dos pioneiros da colônia.

O quarto capítulo é a aplicação da metodologia de Panofsky (análise iconográfica e interpretação iconológica) realizada nas fotografias. Para constarem nesta pesquisa, convencionou-se que seriam escolhidas aquelas que apresentassem riqueza de detalhes e fossem representativas do período estudado. Por uma questão de organização, as imagens foram divididas em temas que refletem uma lógica de afinidades entre as mesmas. São eles: 1. abertura da mata, que trata dos trabalhos iniciais; 2. a fé, elo inicial das pessoas na comunidade; 3. a educação, pilar fundamental na cultura daquelas pessoas; 4. a agricultura e o trabalho, que propiciaram o sustento das famílias na nova terra; 5. as festividades, que uniam e integravam a comunidade; e 6. o cotidiano e as atividades corriqueiras das famílias.

Ao longo de toda sua trajetória, a Colônia Esperança foi modificada e transformada, principalmente pela ação dos pioneiros que abriram caminhos em meio à mata fechada. Sofrimentos, dificuldades, prosperidade e alegrias permearam os anos de existência da comunidade, que transformou o mato bravo em verdejantes cafezais. Naquele momento em que todos estavam mais preocupados em sobreviver, não era comum produzir registros com o intuito de guardar documentos históricos para a posteridade.

No entanto, já havia certa cultura da imagem - as atividades na nova terra, mesmo que em pequena escala, foram retratadas por lentes fotográficas. E são esses registros que hoje constituem acervos de documentos históricos e se transformam em uma das fontes de pesquisa para observar as vivências e o cotidiano daqueles que se instalaram e organizaram suas vidas na Colônia Esperança, entre 1935-1963.

2 SHIN AI SHOKUMINCHI

A Colônia Esperança se situa entre as cidades de Araongas e Apucarana, no norte do estado do Paraná. No mapa abaixo (Figura 1), observa-se, destacada, a cidade de Araongas.



Figura 1 – Mapa da Cidade de Araongas, localizada no Paraná.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parana_Municip_Araongas.svg Acesso em: 20 out. 2009

No mapa a seguir (Figura 2), é possível visualizar sua localização, no limite entre os municípios de Araongas e Apucarana.



Figura 2 – Mapa das cidades produtoras de móveis no norte do Paraná.

Fonte: <http://www.redeapl.pr.gov.br/modules/conteudo/print.php?conteudo=32>. Acesso em: 20 out. 2009

Na década de 30, toda a região norte do Paraná era uma imensidão de floresta fechada. Ao todo, eram cerca de 515 mil alqueires paulistas de "terras fertilíssimas, cobertas de matas" (COMPANHIA,1975, p.59) que a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) - que posteriormente mudou de nome para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - comprou do governo do estado entre 1925 e 1927. Considerando que cada alqueire paulista é composto de 24.200 metros quadrados, foram vendidos cerca de 1.246.300 metros quadrados de terras naquela área. A CTNP, que se instalou na região em 21 de agosto de 1929, foi a responsável pelo loteamento e venda destes terrenos. De acordo com Alonso (1998, p.5):

A CTNP distribuía propaganda em todas as regiões do Brasil, divulgando a fertilidade das terras, a perfeita divisão de lotes urbanos e rurais, a abertura de estradas para todas as direções e a facilidade para pagamento. A região Norte do Paraná passou a ser conhecida como Eldorado Paranaense, atraindo pessoas de todas as partes do país.

A criação dos *shokuminchi* (lê-se xocuminti) - colônias de imigrantes japoneses - foi incentivada pela CTNP, de acordo com Yamaki (2008, p.12). "A cronologia de

implantação revela que os núcleos de imigrantes iam sendo implantados bem antes da chegada da ferrovia e da estruturação dos núcleos urbanos, reforçando a sua importância como linha de frente no projeto de colonização." Entre os imigrantes japoneses, o empreendimento ficou conhecido como "Colônia Internacional" ou "*Kokusai ShokuminchF*."

O pesquisador cita que "a denominação havia sido sugerida por Hikoma Ujihara, gerente geral de vendas da seção japonesa da companhia, no início da colonização nos anos 30". (YAMAKI, 2008, p.11). A intenção era "aproximar o empreendimento à imagem das tradicionais colônias de imigrantes japoneses que surgiram em grande número junto às linhas ferroviárias no Estado de São Paulo", além de "conferir certa unidade e identidade ao empreendimento bem como senso de apego aos imigrantes". (YAMAKI, 2008, p.11). Ainda como parte dessa estratégia,

Um detalhado Mapa para visitas às Terras do Sindicato Inglês, impresso em língua japonesa, foi publicado por Ujihara nos anos 30. A indicação de uma imaginária estação ferroviária chamada Yamato (grande harmonia ou povo japonês), que mais tarde seria denominada Apucarana, e a definição de uma área chamada nipônica a leste do núcleo urbano Londrina, faziam parte de estratégias para a atração de imigrantes. De fato, os nipônicos foram os primeiros compradores de lotes rurais no empreendimento. (YAMAKI, 2008, p.11).

No Paraná, como já citado, as características das colônias japonesas eram herdadas das inúmeras outras anteriormente existentes no estado de São Paulo. Segundo estudos de Yamaki:

Seguindo a tradição, uma colônia era formada basicamente por algumas dezenas de lotes rurais contíguos, delimitados por ribeirões. Eram interligados por uma estrada no espigão. A escola e o kaikan-sede da associação ficavam estrategicamente situados no centro geográfico, junto à estrada. Consta de relatos que o terreno inicial era doado pela CTNP conforme solicitação e mais tarde a própria comunidade adquiria a área complementar. (YAMAKI, 2008, p.12).

A organização dos imigrantes era feita em torno de uma associação - o *Nihonjinkai* - "cujas atribuições eram: fomentar a educação, o rigoroso cumprimento de horários e compromissos, comemorar as datas festivas, a ajuda mútua, a distribuição de correspondências, a manutenção de estradas e a melhoria da agricultura, entre outros". (YAMAKI, 1984 *apud* YAMAKI, 2008, p.12). Mas o principal motivo era reunir, em um mesmo espaço, pessoas que tivessem a mesma cultura e pudessem manter suas tradições.

Para se ter uma ideia, entre as décadas de 30 e 40, Yamaki (2008b) relata que "mais de meia centena de colônias foram fundadas entre Londrina e Maringá. Definiram uma densa paisagem cultural marcada pelos modos de uso da terra, bem como pela presença de edificações de traços nipônicos com forte caráter".

A colônia pioneira de japoneses no norte do Paraná foi a *Dai-Ikkū Shokuminchi* ou Seção Número Um, que se iniciou em outubro de 1931, na área entre os ribeirões Limoeiro e Cambé, nos arredores de Londrina. Quanto às denominações que recebiam, Yamaki (2008, p.13) explica que "era grande a variedade de nomes dados às colônias", que derivavam de palavras que significavam ordem ou direção, natureza ou palavras-chave em japonês, do nome de glebas, ribeirões e estradas, ou mesmo de temas nipônicos.

Resultavam portanto, na adoção de nomes de glebas, lugares e ribeirões, e mais ainda, de palavras que refletissem os sonhos, as esperanças e as lembranças. Os nomes de colônias tal qual se apresentam, é uma invenção local, bastante diversa daqueles utilizados no Japão para denominar vilarejos e distritos. (YAMAKI, 2008, p.13).

Para vender as propriedades no norte do Paraná, Hikoma Udihara visitava as colônias japonesas no estado de São Paulo, atrás de japoneses empregados nas lavouras de café. Cesaro (2007, p.102) diz que entre os argumentos para convencê-los a virem para Londrina, havia o que "a Companhia de Terras vendia lotes muito baratos e de maneira muito facilitada". Na época, os japoneses tinham suas economias, mas estas não eram suficientes para adquirir terrenos em São Paulo, por causa da valorização. "Udihara os convencia a aplicar suas economias na compra das terras no Norte do Paraná, onde eram mais baratas; dizia-lhes que o futuro era aqui." (CESARO, 2007, p.102).

Em uma dessas viagens, na região de Bastos (SP), Udihara conheceu o catequista Koshiro Suzuki e o padre Emilio Kircher, missionário da Companhia de Jesus, que, segundo Alonso (1998, p.5), há três anos vinham pregando o catolicismo naquela região, mais especificamente na cidade de Promissão. Udihara explicou à Suzuki o plano de formar um núcleo habitacional de famílias japonesas nos arredores da futura cidade de Arapongas, que, à época, em meados de 1934, era apenas um projeto denominado "cidade de Arapongas", no início da divulgação de vendas de lotes urbanos e rurais.

2.1 EM PROMISSÃO, A IDEIA DE UMA NOVA COLÔNIA

Na comunidade em que viviam Koshiro Suzuki e o padre Emilio, já havia a intenção de procurar outro local para formar um novo povoado. De acordo com Inácio Suzuki¹, filho mais velho do pioneiro, essa ideia tinha alguns propósitos. Nos tempos de catequista na região oeste de São Paulo, Koshiro Suzuki percebeu que havia muitos falecimentos de jovens mães e crianças, e ficou intrigado sobre a causa de tantas mortes. Depois, descobriu que a razão de tantos óbitos era a presença da malária. "Na época, não havia remédio para controlar essa doença." E seu pai, explica, buscou um lugar onde não houvesse esse mal.

Outra observação do pioneiro era que pessoas vindas da mesma região no Japão costumavam se fixar em locais próximos uns dos outros no Brasil, por causa da afinidade cultural. Como consequência, no decorrer dos anos, os casamentos acabavam se realizando entre parentes, e as crianças começaram a nascer com problemas devido ao parentesco. Koshiro Suzuki pensou em "misturar um pouco" esse pessoal, para que os casamentos ficassem mais "longe" e evitassem esse transtorno.

Na região de Promissão (SP), no bairro Gonzaga, predominavam japoneses vindos de Fukuoka, com exceção da família de Rikitaru Maruo, de Nagasaki. De acordo com Igarashi (2005, p.189), os pioneiros da colônia eram "provenientes principalmente das províncias de Nagasaki e Kumamoto e dos arquipélagos de Goshima e Shimahara Hantô, onde eram tradicionais cristãos de mais de 100 anos".

Essas pessoas "ouviram notícias de que no Paraná havia terras roxas mais férteis que a região arenosa de São Paulo". (SOUZA, 1996, p.277). Mais um motivo para conferir se aquelas terras possuíam mesmo qualidades para atrair tanta atenção. Em conversas com o padre Emilio Kircher, comentavam sobre histórias a respeito do Paraná. "Estavam abrindo uma região de terra vermelha, terra muito boa, onde tinha bastante água", conta Inácio. Como a água se relaciona à transmissão da malária, Koshiro viajou para verificar aquelas terras. "Plantou esperança nos colonizadores japoneses e partiu para a parte mais difícil de sua missão: conseguir a terra e enfrentar os desafios da mata hostil." (ALVES, 1993, p.10).

¹ SUZUKI, Inácio. Entrevista concedida em 13 de junho de 2008.

Segundo Alonso (1998, p.5), para chegar ao norte do Paraná, "Koshiro Suzuki, Momota Kawazaki, Shoji Sakate e Zenzi Watanabe vieram de carona com Jintaro Watanabe, na época funcionário de uma empresa que passava filmes - uma espécie de cinema ambulante - nas cidades que se iniciavam". Watanabe trazia para os japoneses da região filmes que eram fator importante, nas palavras de Inácio, para "carregar as baterias do espírito japonês; para não perder esse espírito". Seguiram com Watanabe até Cambará, e depois chegaram a Londrina, onde havia um escritório da CTNP. Ujihara os trouxe para conhecer a região da futura colônia, em 1934, quando ainda era um território de Londrina. Na época, ainda se fazia a demarcação dos lotes que formariam a cidade de Arapongas, onde a Colônia se localiza hoje.

Havia ainda um engenheiro, Kumá, agrimensor da descendência, e eles indicaram as terras do rio Pirapó, localidade alta, "uma região boa, onde hoje é a Colônia Esperança", segundo Inácio. O único acesso àquela localidade na época era a estrada do Pirapó, conhecida hoje como Ponte Seca.

E como perguntar sobre a incidência de malária, se ninguém sabia? A solução encontrada por Koshiro foi pousar algumas noites à margem do rio, e servir de "isca" para os mosquitos. Como não sentiu sintomas - que, sabia, eram febre e tremedeira, "confirmou no corpo dele que não havia malária nesse local", ressalta Inácio. Nas palavras de Souza (1996, p. 280), "não estaria arriscando a vida de ninguém".

De volta a Promissão, Koshiro relatou ao padre Kircher a fertilidade da terra vermelha, depois de ver cafezais de Cambará. Reuniram a comunidade para falar a respeito das promissoras terras, e também divulgaram em jornal da capital paulista a ideia de formar uma colônia de japoneses católicos no Paraná. Koshiro Suzuki² dizia que eles se empenhavam muito: pelo esforço dos padres (de Promissão), eles não podiam ficar de braços cruzados - foram juntos formar a colônia. Para Inácio, "Deus iluminou a cabeça dele, como Abraão à procura de uma terra nova".

² SHOJI, Sakate. SUZUKI, Koshiro. Entrevista concedida em japonês ao padre João Idoi em 1985. Tradução de Sirley Eiko Tokushima Sato.

2.2 DE YAMAGATA PARA A COLÔNIA ESPERANÇA

A terra natal de Koshiro Suzuki é Yamagata, no Japão. Nasceu em 21 de agosto de 1902, filho de Yagoemoh e Mitsu Suzuki (SOUZA, 1996, p.276). Saiu do interior para se tornar Guarda do Palácio Imperial em Tokyo por dois anos.

Um motivo de orgulho para um jovem de 21 anos, pois a seleção para este posto era bastante rigorosa, exigindo bons antecedentes do reservista. Como guarda do Palácio, Koshiro conta que realizou diversas viagens com a comitiva real. Conhecer Tóquio e outros centros importantes do Japão fez o jovem do interior descobrir que o horizonte ia bem além do que a sua vista alcançava. (ALVES, 1993, p.10).

Após este período, estudou eletrotécnica em colégio católico - foi um dos únicos da família a se formar na faculdade, segundo seu filho Inácio. Durante os estudos, Koshiro Suzuki conheceu os padres jesuítas Darmann, Roibir, e Tsuchihashi Chiota, e encantou-se com a história de São Francisco Xavier - missionário, catequista, evangelizador. Começou a estudar filosofia e teologia, e decidiu se converter ao catolicismo.

O pai de Koshiro ocupava alto cargo na estrutura budista de Yamagata e, com a decisão do filho em converter-se ao catolicismo, deserdou-o. "O rapaz então abraçou o sonho de se tornar missionário e veio para o Brasil em 1931, catequizar as centenas de famílias japonesas que trabalhavam no interior paulista." (MORRE..., 1993, p.6).

Chegou com o ideal de formar uma colônia católica de japoneses. Antes disso, com os conselhos e indicação do padre Roibir, o trabalho missionário começou em São Paulo, junto aos jesuítas, lecionando japonês no colégio São Francisco Xavier. Após este período, seu destino foi a cidade de Promissão, no bairro de Gonzaga, no oeste paulista, sede da missão no interior - sob a responsabilidade do Padre Emilio Kircher - para atuar como catequista. Mas sentia o chamado para um "desafio maior". (ALVES, 1993, p.10).

Anos depois, já na colônia, em 1941, o pioneiro se casou. O padre Utsch, alemão, contatou uma japonesa em São Paulo para se casar com o pioneiro - era Teresa Itsuko Abe. Na época, como era costume entre os nipônicos, o pai da noiva decidia o casamento. O casal se viu apenas duas vezes antes da cerimônia. E ficariam juntos por mais de 50 anos. Tiveram seis filhos: Inácio, Ludovico, José, Bonifácio, Verônica e Maria.

2.3 PRIMEIROS PASSOS NA NOVA TERRA

Em março de 1935, os compradores dos lotes foram à região da colônia fechar o acordo. No mês seguinte, Koshiro Suzuki, Momota Kawazaki e Shoji Sakate chegaram a cavalo, "abriram picadas mato adentro, avançando 15 quilômetros em direção ao futuro município de Apucarana", e, no local demarcado, "montaram suas barracas e iniciaram a derrubada. Três dias depois chegou um quarto companheiro, Masayoshi Akaishi. Passou um mês e eles tinham conseguido desmatar apenas um alqueire e meio. Era, no entanto, suficiente para começar a colônia que imaginaram". (OGUIDO, 1988, p.159-160).

Iniciavam, assim, a luta árdua para a formação da Colônia Esperança - o período que mais marcou o pioneiro Suzuki, em termos de sofrimento. Nos primeiros anos na mata densa, era preciso abrir caminhos - um trabalho estafante. O caminho de Londrina até a colônia, feito somente por picadas abertas em meio à floresta fechada, de acordo com Shoji Sakate e Koshiro Suzuki em entrevista, era de cerca de 70 quilômetros.

Era uma vida muito diferente. Havia muitos mosquitos, e era necessário esperar anoitecer para que os insetos diminuíssem e pudessem esquentar água em tambores para tomar banho de ofurô. Pensando em todas as dificuldades, Koshiro comentava que tiveram sorte em sobreviver a tantas adversidades.

Além disso, por não ter lugar para dormir, subia em grandes árvores e amarrava o corpo com cipós para não cair quando o sono viesse. Para aumentar a segurança, acendia uma fogueira embaixo da árvore para afastar os animais ferozes que ali transitavam (SOUZA, 1996, p.280); segundo Alonso (1998, p.5) "principalmente onças e antas. Era grande o número de catetos, quatis, capivaras e macacos".

Ainda no mês de abril, como consta em Oguido (1988, p.160), no estado de São Paulo, "foi lançado um edital de chamamento, convocando todos os japoneses católicos da região para participarem da fundação de uma comunidade nipo-católica-brasileira. [...] No edital já constava o nome de Colônia Esperança". Durante os primeiros tempos de trabalho,

Enquanto cultivavam a terra com sacrifício, os quatro pioneiros também construíram um alojamento para abrigar aqueles que atendessem ao chamamento. Wadaemon Akaishi e Zenji Watanabe forneciam os alimentos para que os quatro pudessem se manter enquanto nada produziam. Koshiro ficou cuidando do que haviam plantado e os outros três retornam a Promissão. (OGUIDO, 1988, p.160).

A habitação da Colônia começou em 5 de maio de 1935, data gravada em um monumento erguido nos jardins da Igreja Sagrado Coração de Jesus. Os primeiros a chegar e tomar posse de suas terras, de acordo com um diário de registros escrito por Tomio Handa³, foram, respectivamente: Francisco Koshiro Suzuki, em 25 de abril; e Gabriel Seigo Sagake, em 10 de agosto de 1935. Em 1936, Yurio Hasegawa, a esposa Tsuru, o filho Paulo e o irmão Harunaga Hasegawa (que se tornaria o primeiro professor de língua japonesa da Colônia), em 26 de abril; Miguel Matsujiro, em 26 de junho; Bernardo Minoru Tamura, dia 10 de julho; Antonio Kizo Okuyama, em 10 de agosto; Cândido Haruaki Suzuki, dia 13 de agosto; o próprio Romano Tomio Handa, Pedro Gentaro Hirata, Francisco Uichi Hirata e Francisco Zenzo Aoki em 3 de setembro; e Sebastião Takao Yokoyama.

O trabalho de cooperação para a formação da colônia foi fundamental desde o início. "Embora trabalhassem incansavelmente no desmatamento e cultivo de suas terras, os pioneiros da Colônia Esperança dedicavam suas horas de folga à construção da Cruz da igreja, que estava sendo entalhada em peroba de lei." (OGUIDO, 1988, p.160). Com este tipo de madeira, ergueram um pequeno templo coberto com folhas de palmito. Foi uma das primeiras medidas dos católicos japoneses, assim que limpavam uma clareira na mata. A cruz, "anos mais tarde apodreceu na base. Foi então derrubada e com a madeira foram feitas centenas de cruzeiros pequenas que foram distribuídas aos moradores como lembrança". (ALONSO, 1998, p.5).

E, para marcar o início da vivência católica na comunidade, o padre Emilio Kircher celebrou a primeira missa em 13 de setembro de 1936. Houve uma grande festa na colônia, em que a cruz foi erguida, "marcando oficialmente a fundação da Colônia Esperança". (OGUIDO, 1988, p.160).

O ano seguinte (1937) teve mais novidades, como a entrada de mais famílias, totalizando 39, de acordo com o livro ata⁴ da associação de moradores, organização recém-criada, tendo como primeiro dirigente Koshiro Suzuki. Desde o início, o *nihonjinkai* era organizado, com divisão de cargos, nomeando responsáveis por cada uma das seções em que a comunidade estava dividida e também chefes de departamentos específicos como saúde, cultura, agricultura e estradas. Todos os assuntos de interesse comum eram levados às reuniões e discutidos para encontrar as soluções mais viáveis. Além disso, "ainda no final

³ HANDA, Tomio. Livro de registros de dados das famílias que adquiriram propriedades na Colônia Esperança, escrito em japonês e português.

⁴ Livro ata das reuniões da associação de moradores (1937-1963). Tradução: padre João Idoi, com auxílio de Neusa Tanamati e outros.

desse ano, a Igreja local ganhou sua primeira imagem de Santo, doada por Hikoma Udihara". (OGUIDO, 1988, p.160).

2.4 O PROJETO DA CTNP

Cada proprietário poderia adquirir lotes pequenos, de acordo com Inácio Suzuki, para que pudesse entrar o maior número possível de pessoas, e formar logo a comunidade. A estrutura da colônia seguiu o minucioso plano básico de formação de comunidades, estabelecido pela CTNP, no qual

A área rural seria cortada de estradas vicinais, abertas de preferência ao longo dos espigões, de maneira a permitir a divisão da terra da seguinte maneira: pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires, com frente para a estrada de acesso e fundos para um ribeirão. Na parte alta, apropriada para plantar café, o proprietário da gleba desenvolveria sua atividade agrícola básica: cerca de 1.500 pés por alqueire. Na parte baixa, construiria sua casa, plantaria a sua horta, criaria os seus animais para consumo próprio, formaria o seu pequeno pomar. Água seria obtida no ribeirão ou em poços de boa vazão. (COMPANHIA, 1975, p.76).

Além disso, as casas das propriedades, alinhadas nas margens dos cursos d'água, "formariam comunidades que evitassem o isolamento das famílias e favorecessem o trabalho em mutirão, principalmente na época da colheita do café, que para a maioria dos pequenos agricultores representaria lucro líquido de sua atividade independente." (COMPANHIA, 1975, p.76). Com estes rendimentos, as famílias sobreviveriam no decorrer do ano "consumindo o necessário e vendendo o supérfluo - das culturas paralelas: arroz e milho plantados por entre as fileiras de café novo, legumes e hortaliças, frutas diversas, porcos e galinhas". (COMPANHIA, 1975, p.76).

A comercialização do café produzido por esses pequenos proprietários seria realizada "nos patrimônios, aos pequenos maquinistas, que por sua vez comercializavam a sua produção nas cidades maiores, já com representantes das casas exportadoras". (COMPANHIA, 1975, p.76). O lucro obtido na transação, cada um "gastaria ali mesmo, no comércio estabelecido nos patrimônios, gerando assim uma distribuição de interesses e uma circulação local de dinheiro que construiriam um salutar fator de progresso local e regional". (COMPANHIA, 1975, p.76).

Além da própria estrutura planejada pela CTNP, estabeleceu-se na colônia um sistema de cooperativismo "que deu excelentes resultados. A união dos moradores, o espírito de solidariedade sempre estiveram presentes, resultando na construção da escola, da igreja, na abertura de estradas e grandes produções agrícolas". (ALONSO, 1998, p.5). Em todos os empreendimentos, como a construção da igreja em alvenaria, por exemplo, contava-se com a colaboração em dinheiro de cada uma das famílias da comunidade, além das contribuições anteriormente fixadas.

2.5 A ORIGEM DO NOME

A denominação de Colônia Esperança, que, segundo Igarashi (2005, p.189), é o "orgulho da comunidade japonesa", é elucidada nas palavras de outro historiador.

O escritor Shigeji Ikeda, em "História da Colonização e do Desenvolvimento dos Imigrantes Japoneses no Paraná" (1949, pág.134), explica o significado dessa denominação: "Shin", em Japonês, é diminutivo de "Shinkô", que significa Fé; "Kibou" significa Esperança; e, finalmente, a palavra "Ai" significa Amor. Portanto, a denominação "Shin-Ai Shokuminti" significa "Comunidade da Fé e do Amor". Em português, o nome derivou da palavra "Kibou" (esperança), razão pela qual a comunidade foi oficialmente denominada Colônia Esperança. (IGARASHI, 2005, p.189).

2.6 A GUERRA

A Segunda Guerra Mundial trouxe sérias modificações, principalmente no comportamento do grupo e no que se referia à utilização da língua japonesa. O sofrimento se dava tanto pelo conflito em si como pelas mortes entre dois povos irmãos, notadamente para Koshiro, que ainda possuía familiares no Japão.

Os japoneses residentes no Brasil passaram a sofrer restrições. A pior delas foi a "proibição de falar a língua japonesa". (ALVES, 1993, p.10). Temiam represália dos brasileiros, caso falassem o único idioma que conheciam na época. Inácio Suzuki conta que mesmo no pós-guerra, por volta de 1946, ouvia-se dizer que "a polícia ia vir, e era para esconder tudo". Armas, livros, fotografias. Qualquer referência ao Japão era enterrada nos

fundos dos sítios. Comenta-se que até hoje alguns descendentes de famílias daquela época, quando estão lidando com a terra, encontram objetos escondidos.

A repressão era tanta que Frei Virgílio Nagel O.F.M., missionário, precisou tirar salvo conduto válido pelo prazo de um mês para poder ouvir confissões e catequizar os japoneses, dentro de suas casas. Datado de 11 de agosto de 1942, o documento relata que o frei era pessoa de confiança da Autoridade Eclesiástica do Estado de São Paulo, e nada havia na Cúria Metropolitana que o desabonasse.

2.7 A CONSTRUÇÃO DA IGREJA EM ALVENARIA

A igreja da Colônia Esperança é motivo de orgulho para a comunidade local e de admiração para quem a visita. Em estilo colonial, a nova matriz começou a ser construída, de acordo com a *Crônica* (1961, folha 7), "em princípio de setembro de 1950", por frei Graciano Droessler. Nos registros da *Crônica* (1961),

A planta desta igreja e residência franciscana anexa, moldada segundo legítimo estilo colonial, foi elaborada pelo irmão frei Walfrido Stähle, OFM, pertencente ao Comissariado Franciscano de Mato Grosso, onde trabalhou há mais de 20 anos. O engenheiro para a construção foi o Sr. Clemente Wagmann. Valioso serviço prestou ainda o Sr. Acácio Machado, que, durante os 5 anos da construção, transportou com o seu caminhão todo o material de que consta esta nova igreja e residência anexa. (*Crônica*, 1961, folha 11).

A inauguração aconteceu 5 anos depois, em 31 de outubro de 1955, dia da Festa de Cristo-Rei. Durante todo o período da obra, "as famílias japonesas da Colônia contribuíram generosamente com donativos provenientes da venda de café". (*crônica*, 1961, folha 10). O bispo da diocese de Jacarezinho, dom Geraldo de Proença Sigaud, abençoou a nova matriz às 8 da manhã daquele dia. Seguiu-se a primeira missa, e, à tarde, a celebração da crisma de 217 crianças. No dia seguinte, houve Festa de Todos os Santos.

Estava programada ainda a bênção dos novos sinos, que acabaram não chegando. Na folha 11 da *crônica* (1961), descreve-se que a bênção foi então transferida para 17 de dezembro. Detalha-se ainda que

os sinos, encomendados por frei Graciano Droessler, foram fabricados especialmente para a nova igreja da Colônia Esperança, na Alemanha, pela firma Rudolf Perner na secular fábrica de sinos da cidade de Passau, fábrica data de 1710. Os três sinos receberam, respectivamente, os seguintes nomes: "Sagrado Coração de Jesus", "Santa Maria" e "São José", pesando 828, 451 e 330kg. Os três, fundidos em bronze, emitem respectivamente, as três primeiras notas musicais, acompanhadas de acordes do hino festivo Te Deum. Os sinos da Colônia Esperança badalaram festivamente pela primeira vez em caráter oficial nas vésperas de Natal de 1955. (*Crônica*, 1961, folha 11).

2.8 CRONOLOGIA DE OUTROS FATOS RELEVANTES (1937 ATÉ 1963)

O cotidiano em um lugar recém povoado como a Colônia Esperança também se mostrava muitas vezes hostil. Tarefas consideradas corriqueiras hoje em dia, como ir ao médico ou enterrar os mortos demandavam grandes esforços. A caminhada era longa - mais de 40 quilômetros em meio à mata até Londrina. Posteriormente, mesmo com as melhorias nas estradas e nos transportes, tornou-se possível realizar o trajeto com menos dificuldades. Ainda assim, o sepultamento deveria ser feito em Rolândia.

Em 1937, de acordo com traduções dos livros de registros da colônia⁵, os moradores se reuniram de 16 a 29 de abril para construção da escola. Assim também eram feitos todos os demais trabalhos, como a construção da igreja e reparação de estradas e pontes da região. Como exemplo, no dia 25 de abril, quatro famílias da seção 5 receberam em doação 7 sacos e uma lata de arroz da turma da Colônia Esperança, pelo prejuízo nas colheitas. Este tipo de auxílio era recorrente, seja dentro da comunidade, ou para os flagelados das enchentes no Rio Grande do Sul, doações para colégios católicos, entre outros.

No ano seguinte (1938), aconteceu o primeiro casamento, em 06 de agosto: Tomio Handa e Yossono Matsuo (ALONSO, 1998, p.5). Em 1939, o segundo casamento, em 18 de janeiro: Riyochi Deguchi e Tamiko Matsuo (ALONSO, 1998, p.5).

A organização comunitária dos japoneses se refletia nas ações da associação de moradores. Havia, inclusive, uma regulamentação interna, que, entre outros assuntos, determinava, em 1939, que "Regulamento para Colônia em que não era permitido cantos profanos, bebida alcoólica em demasia e jogos de azar."

⁵ Fonte: tradução do diário de Tomio Handa, realizado por padre João Idoi e Neusa Tanamati, em 1985.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, houve proibição das aulas em língua japonesa. Durante a guerra, tais lições eram ministradas na casa do Sr. Harunaga Hasegawa, com os livros escondidos. Também não se podia fazer sermão na igreja em japonês.

Em 14 de abril de 1940, o professor da escola era João Segá Neto, e havia discussões sobre o plano de registrar o grupo escolar. O cozinheiro do padre era Sr. Namiuti. Ainda nesse ano, o padre Utsch foi substituir o padre Emilio na colônia, e relatou que a comunidade precisava solicitar uma licença para que eles pudessem continuar a celebrar missas na comunidade, devido ao fato de que pertenciam à província de São Paulo, e a colônia, à do Rio Grande do Sul.

Somava-se a esse fator uma quantidade maior de japoneses no noroeste paulista, e, conseqüentemente, mais trabalho. Mesmo assim, o padre Utsch e o padre Emilio se comprometeram a vir à colônia quatro vezes ao ano. Com tanto trabalho para os religiosos, houve a sugestão de solicitar um padre para residir na colônia à ordem dos franciscanos.

Com isso, em 1942, a missão do padre Emilio no norte do Paraná foi cancelada. Isso desagradou a população, que desejava permanecer sendo atendida por ele, que continuava visitando a colônia periodicamente. No entanto, também era desejo de todos ter um padre que ali residisse e pudesse atender melhor a colônia, que crescia a cada dia. A solução encontrada pelo bispo de Jacarezinho foi solicitar auxílio do padre provincial franciscano, que enviou, em 15 de outubro de 1943, o frei Virgílio para atender a localidade.

Todo e qualquer assunto que pudesse ser de interesse comum era tratado nas reuniões da associação de moradores. Desde assuntos corriqueiros até peculiaridades que parecem avançadas para a época. Vale ressaltar que já em 1940 havia o alerta contra o desmatamento excessivo. Um dos tópicos chamava a atenção para que os proprietários pensassem no futuro e deixassem pelo menos um terço da área de cada propriedade sem ser desmatada, embora a decisão final ficasse a critério de cada um.

A educação também era uma das preocupações fundamentais dos japoneses. Tanto que, no ano de 1941, dia 29 de abril, início da construção da escola; então o maior estabelecimento de ensino de primeiro grau da região, que se transformou em grupo escolar em 1944. (IGARASHI, 2005, p.189). O ensino de língua portuguesa era com o professor João Segá Neto. O segundo professor foi José Morando. No caso da língua japonesa, o primeiro professor de foi Harunaga Hasegawa e o segundo Shiguetoshi Kondo. (ALONSO, 1998, p.5).

Em maio, as seções 3 e 4 foram divididas para formar a seção 5. Nas cinco seções existentes à época, havia 87 famílias. Em dezembro, foi cancelada a festa do ano novo

devido à guerra. Essa não foi a única restrição imposta pelo período bélico. Não se permitia a reunião dos estrangeiros, e isso fazia com que a diretoria da associação se reunisse secretamente, como em 25 de janeiro de 1942.

Além disso, uma comunicação trazida de Apucarana pelo Sr. Arita, no dia 8 de fevereiro de 1942, levou a uma convocação extraordinária da diretoria. No documento, informava-se de uma reunião urgente com o delegado de Apucarana, no dia 10 de fevereiro, terça-feira, às 8 horas. Era necessária a participação de todos os chefes de família, a apresentação de armas de fogo e registros de estrangeiros. Japoneses, italianos e alemães (que estavam do lado oposto ao Brasil na guerra) deveriam tirar atestado de residência dos estrangeiros. Quem não comparecesse a este evento deveria se apresentar ao delegado em Rolândia para realizar esses procedimentos. E o Sr. Abe, de Arapongas, ficou responsável por providenciar documentos de salvo conduto.

Nas reuniões da associação de moradores realizadas no dias 4 e 12 de julho de 1942, um dos assuntos discutidos era o terreno reservado à Colônia Esperança para construção de áreas de atividades comuns. Eram, de acordo com o livro ata, "10 alqueires no meio da Colônia com a finalidade da educação, religião, movimento social", que não poderiam ser vendidos sem a licença da CTNP. Destes 10 alqueires, 2 foram reservados para a igreja, e o direito de uso de 8 alqueires foi dado para o Sr. Koshiro Suzuki como catequista, com contrato de arrendamento.

Havia ainda mais 10 alqueires, que na reunião do dia 12 decidiu-se que ficariam com Koshiro Suzuki, causando a anulação do contrato de arrendamento. Isso porque quando foi fechado acordo entre Koshiro Suzuki e Hikoma Udihara, previa-se mil alqueires para a colônia. Sem condições de comprar todo o terreno, a CTNP propôs a ele que ajudasse na venda dos sítios para os japoneses. A cada cem alqueires vendidos, ganharia um. Somente após a venda dos mil alqueires é que aceitou os 10 alqueires a que tinha direito. Sua única exigência era que fossem reservados ao lado do terreno da igreja. Quando pudesse pagar, tomaria posse. A colonizadora concordou e, anos mais tarde, saldaria o valor do lote com o seu próprio trabalho. (SOUZA, 1996, p.281).

Dois anos depois, em 1944, houve a criação da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no dia 16 de fevereiro. "Com o termo de abertura dos livros de batizado e casamento autenticados pelo bispo Dom Geraldo Sigaud, da Diocese de Jacarezinho", à qual a Colônia pertencia na época. O primeiro vigário foi o frei Graciano Droessler. (ALONSO, 1998, p.6). O padre alemão chegou em fevereiro daquele ano e permaneceu na colônia até precisar se afastar por motivo de doença. Seu corpo está sepultado na cripta da torre da igreja que ajudou

a construir, e a escola da comunidade hoje leva seu nome. Também neste ano chegou frei Timóteo Krupp, que ficaria até 1948.

Em 1º de junho de 1944, foi construída uma escola de extensão na seção 5, na divisa das propriedades de Tomio Handa e Utaro Hirata. A aprovação da construção se deu já em 7 de dezembro de 1941, e a escola deveria ter o tamanho de um quarto de alqueire, ao preço de 200 mil réis, pagos pela associação. Em 23 de fevereiro de 1944, definiu-se que o tamanho total da da extensão deveria ser: 5x7m, com sala de aula de 5x5m, escritório de 5x2m e depósito, altura 3m, entrada 2x2m. Haveria ainda cerca de madeira, posteriormente cerca viva. A estrada para o estabelecimento teria largura de 1,5m de lado.

A sede extra se fazia necessária, pois o prédio do grupo escolar não comportava todos os alunos. O ensino deveria ser do primeiro ano primário, e as professoras eram Watanabe e Hitomi. No entanto, tempos depois, a Inspetoria de Ensino não permitiu que a escola continuasse funcionando, e em 8 de abril de 1951, foi fechada.

Em 1946, houve a inauguração da nova sede da Associação Cultural Colônia Esperança. (ALONSO, 1998, p.5). Além disso, com a ocorrência de assaltos, determinou-se a implantação de um sistema de rodízio de vigilância entre os moradores de cada seção, com a utilização de fogos de artifício, caso houvesse alguma emergência e fosse necessário pedir auxílio a outros moradores.

Entre outros acontecimentos, em 20 de maio houve a despedida do padre Emilio, em que foram tiradas fotografias com os membros de toda a diretoria. Em 6 de junho, aprovada instalação da alfaiataria do Sr. Oshiyama, e em 16 de junho, a inauguração da estrada de Arapongas-Apucarana, às 14 horas.

Em 16 de janeiro de 1948, a colônia recebeu a visita do padre provincial da Sociedade do Verbo Divino, Jorge Gemeindor S.V.L, que exibiu o filme dos 26 mártires do Japão e procurou "animar com palavras de fé e piedade os católicos japoneses afim de seguirem o exemplo de seus antepassados". (*Crônica*, 1961, folha 4). Segundo diário de Tomio Handa, ele veio do Japão para explicar a situação do país no pós-guerra. Neste ano, chegou à comunidade o frei Xisto Teuber, que ficaria até 1952. Em dezembro de 1948, veio o frei Justianiano Hinz, que ficaria até fevereiro de 1949.

A construção da nova matriz era assunto que se discutia havia muito tempo, mas que somente começou em setembro de 1950, pelo frei Graciano Droessler, no mês de setembro. Muito provavelmente a referida obra de uma igreja em alvenaria demorou a iniciar devido ao fato de que a comunidade não tinha ainda condições financeiras para a obra. E,

Após longos estudos e trabalhos preparativos, iniciou-se, sob orientação do dr. Wagmann, a construção de uma usina de 'força e luz'. Um conjunto de motor diesel de 17 p.s. e o gerador de 12KW vai produzir 110 e 220V, tanto para luz como para o uso de força. A junção de 3 minas abastece a igreja, a escola e todas as residências vizinhas com água potável de ótima qualidade. Uma bomba de alta pressão faz correr a água uma distância de 1.600m, n'uma diferença de nível de 86m, dando a capacidade de 3m³ por hora. (*Crônica*, 1961, folha 7)

Em todas as obras de referência consultadas, a única citação de fotografias com o nome do fotógrafo se deu na ata do dia 11 de julho de 1954, em que se cita que iriam ser feitas imagens da Colônia Esperança por Kameo Harada.

No ano seguinte, em 9 de janeiro, decide-se pela construção da placa na entrada da Colônia Esperança. Apesar de até hoje ser comumente conhecida pelos moradores como placa, é um arco, sustentado por dois postes, que, segundo a determinação, deveria ser uma coluna de concreto com quatro ferros, altura de 5m e 5m de largura. A mão de obra foi fornecida pela associação japonesa.

O clima na colônia não era diferente do restante da região norte do Paraná. Muito frio nos meses de inverno, e suscetível a geadas. O fato de o café ser frágil a variações de temperatura, e uma das fontes de sobrevivência das famílias, causava preocupação. Na noite de sábado para domingo de 31 de julho, a forte geada de 1955 "tostou completamente os cafezais da Colônia, até às raízes." (*Crônica*, 1961, folha 11). Era a única fonte estável de sustento das famílias da comunidade.

Naquela ocasião, os cafezais "foram arruinados de uma maneira tal, que, segundo o dizer dos peritos no assunto, nos três anos que seguem, não haverá colheita de café". Nem por isso os compromissos dos moradores deixaram de ser cumpridos. "Ainda assim, neste ano vieram os colonos entregar seus últimos donativos provenientes da venda de café, para verem terminada a nova cada aonde irão louvar a Deus." (*Crônica*, 1961, folha 11).

Em março de 1956, definiu-se que a Colônia Esperança passaria a ser circunscrita à Diocese de Londrina. (*Crônica*, 1961, folha 13). No mesmo ano, em 29 de julho, houve missa celebrada por frei Hermógenes Harada, primeiro japonês franciscano ordenado no em teras brasileiras. Nascido em Miyazaki, no Japão, veio criança para o Brasil, "foi ordenado sacerdote aos 2 de julho de 1956 e celebrou as primícias na igreja do Convento São Francisco em São Paulo". (*Crônica*, 1961, folha 13).

Havia colaboração mútua e cooperativismo em todas as áreas da colônia. Por exemplo, quem precisava escoar a produção para cidades vizinhas, pedia auxílio para

alguém que tivesse um veículo e ajudava a pagar as despesas de frete, definidas em assembleia na associação. Por este motivo, consta da ata da associação de moradores uma contagem de veículos existentes na localidade, em 23 de dezembro de 1956. No total, eram 43 caminhões, 20 caminhonetes, 4 jipes, 2 automóveis, distribuídos entre 105 famílias.

Conforme prosperava e aumentava a população, a Colônia Esperança ganhava visibilidade também na área urbana. Isso se nota com o fato de que a partir de 15 de fevereiro de 1957, "a comunidade tomou a seu encargo um programa religioso-social diário na Rádio Arapongas". (*Crônica*, 1961, folha 13). Apresentado às 18 horas, era dividido nas seguintes partes: "oração do ángelus, doutrina, noticiário da Igreja Universal, leitura do martirologio para o dia seguinte, noticiário religioso local e secção de consultas". (*Crônica*, 1961, folha 13). A prefeitura cedia 30 litros de gasolina por semana "para custear as viagens diárias da Colônia aos estúdios da Rádio Arapongas". O prefeito na época era Colombino Grassano.

Dois dias depois, abriam-se os trabalhos na Diocese de Londrina, que se desmembrara da de Jacarezinho, e contava inicialmente com 29 paróquias, inclusive a Colônia Esperança. O bispo era dom Geraldo Fernandes, que "fôra sagrado em São Paulo, aos 13 de janeiro de 1957, pelo DD. Núncio Apostólico, dom Armando Lombardi". Na recepção do primeiro bispo da nova diocese, foram a Londrina "os religiosos, os Congregados Marianos e as Filhas de Maria da Colônia [...] permanecendo ali 6 horas aproximadamente". (*Crônica*, 1961, folha 14).

No dia seguinte, 18 de fevereiro, às 17 horas, aconteceu uma recepção oferecida pelo clero e pelos japoneses da Colônia Esperança ao "Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, e aos bispos de Londrina e Jacarezinho, respectivamente, Dom Geraldo Fernandes e Dom Geraldo de Proença Sigaud". (*Crônica*, 1961, folha 14). Encontravam-se presentes o padre Custódio; frei Egberto Prangenberg, representando o padre provincial, o padre guardião do Convento São Francisco de São Paulo; frei Graciano Stute, o prefeito de Londrina, representantes da Câmara Municipal e Prefeitura de Arapongas e autoridades das cidades vizinhas.

Neste dia, após a saudação ao Núncio Apostólico, "sete crianças, envergando quimonos multicores, ofereceram flores de seus jardins aos exmos. Srs. Bispos, como símbolo de seu amor e dedicação aos Pastores da Santa Igreja Católica". Depois de um lanche oferecido à comitiva, antes de seguirem a Apucarana, consta que Dom Aramando Lombardi "pediu que fizessem badalar de novo os sinos de bronze da Colônia, para ainda

apreciar uma vez seus melodiosos sons, no que foi prontamente atendido". (*Crônica*, 1961, folha 14).

Os diversos setores de convivência social na colônia sempre foram muito ligados à figura da igreja, principalmente no que diz respeito à cultura e educação. Por exemplo, cita-se que, no dia 2 de junho de 1957, foi aberta a Biblioteca Paroquial aos jovens e crianças. Inicialmente, a Congregação Mariana contribuía com certa quantia em dinheiro "para a aquisição de bons livros de diversas editôras, adequados às idades e formação dos moradores de Colônia Esperança". O expediente era aos domingos após as missas, "podendo os livros ser retirados para um período de 15 dias". (*Crônica*, 1961, folha 15).

Aquele também foi o ano em que a cidade de Arapongas completou 10 anos de emancipação. No dia 20 de outubro, relatou-se a reunião do dia 13, em que a diretoria de várias associações da cidade se reuniram para organizar a comemoração. A festa aconteceu de 26 de outubro a 1º de novembro, e foi marcada pelas barracas típicas de cada nacionalidade que ajudou a formar a cidade.

Na barraca japonesa havia 4 atividades: tômbola, gato preto, bar restaurante, e apresentação teatral; cada atividade estava a cargo de uma comissão especial. Além disso, as Colônias Esperança e Novo Mundo doaram frangos e o pessoal da cidade, mercadorias.

Por ser uma comunidade de japoneses católicos, autoridades políticas e religiosas frequentemente visitavam a Colônia Esperança. No dia 8 de janeiro de 1958, houve reunião e divisão das tarefas para a recepção do bispo japonês, dom Taguchi. Ele viria no dia 8 de fevereiro, às 10 da manhã, em Arapongas, acompanhado do padre Sasaki e mais 3 pessoas, com chegada prevista à colônia às 14 horas.

A associação de jovens ficou encarregada de preparar a recepção no dia 6 de fevereiro. Já os preparativos para o banquete estavam a cargo do Sr. Mihara. As despesas do banquete foram divididas entre os moradores. A associação pedia a colaboração para convidar o maior número possível de associados e confirmar o número de pessoas participantes. Aos chefes de cada seção, delegou-se a arrecadação de 1 galinha a cada 4 pessoas participantes.

No dia da visita de dom Paulo Taguchi, bispo de Osaka, Japão, houve missa solene e, após o banquete oferecido pela colônia, às 8 horas da noite, o bispo realizou uma "conferência aos japoneses", em que todos compareceram. Também exibiram um filme relatando a viagem do Brasil para o Japão do padre Sasaki e alguns lugares do Japão. (*Crônica*, 1961, folha 16).

A preservação de costumes e comemorações relativas ao Japão também eram constantes, como o a celebração do aniversário do imperador. Em 30 de março de 1958,

a associação organizou a festa de comemoração do cinquentenário da imigração japonesa na Colônia Esperança. O programa foi o seguinte: dia 18 de junho, às 8 horas da manhã, santa missa na igreja, às 11 horas. Houve um minuto de silêncio em comemoração à chegada do 1º navio de imigrantes; às 14 horas, apresentação folclórica, e às 20 horas, sessão gratuita de cinema. As despesas foram pagas pela associação japonesa.

Nesta data também começou a discussão sobre a implantação da energia elétrica na colônia, com orçamento apresentado pela companhia elétrica. Os moradores deveriam pagar determinada quantia por quilômetro, mais um adicional por família. As condições de pagamento seriam 2 parcelas em 2 anos. Muitas famílias tinham dúvidas quanto à condição financeira, então foi formada uma comissão para tratar do assunto, em 28 de setembro de 1958.

Somente em 11 de março de 1962 é que foi aprovada a instalação da energia elétrica. Para negociar o financiamento, formou-se uma comissão com cinco membros da diretoria mais o padre, que levou a proposta ao Banco de Brasil e outros bancos. No entanto, a questão da energia ainda não havia sido totalmente resolvida até 1963, ano limite do recorte histórico empregado nesta dissertação.

As notícias eram informadas a todos na comunidade pela associação japonesa, como, por exemplo, no dia 25 de maio de 1958, em que as famílias que tinham membros falecidos depois da 2ª Guerra Mundial foram alertadas de que precisavam comunicar o falecimento ao consulado japonês.

Durante muitos anos, a tradicional festa na Colônia Esperança, que celebrava a Assunção de Nossa Senhora, reunia milhares de pessoas da região. Interessante notar que a comemoração já era considerada tradicional em 1958. Embora com algumas interrupções, ela se manteve até 2007. Tradicionalmente, a festa começava no sábado à noite, com missa e jantar. Domingo havia almoço, jantar, e outros atrativos como bingo. A partir de 2008, as proporções foram reduzidas a um dia, somente para o almoço.

Nem só autoridades japonesas visitavam a colônia. Em 1959, no dia 18 de julho, aconteceu a visita do cônsul geral da Alemanha em São Paulo, Sr. Gottfried von Nostitz-Drzewiecki, acompanhado pela condessa Valéria Dessewff e Sr. Brink e esposa, vindos da Fazenda Valéria. A visita aconteceu, muito provavelmente, porque o pároco da igreja era alemão. Foi-lhes servido lanche no Convento dos Franciscanos.

Outro ponto de integração da comunidade era o esporte. Havia praticantes de sumô, a luta japonesa, e baseball. Viabilizou-se, então, um novo campo esportivo da comunidade, inaugurado em 27 de setembro de 1959, com benção de frei Graciano, e as

presenças do deputado José Colombino Grassano, do prefeito de Arapongas, Brasilino Bussadori, e demais autoridades.

No dia seguinte, 28 de setembro, inaugurou-se a nova benfeitoria na área educacional: o novo prédio em alvenaria do grupo escolar, cuja construção havia sido combinada com a prefeitura desde 11 de fevereiro de 1956. A demora ocorreu devido a dificuldades de transporte do material de construção até a colônia. A cerimônia contou com a presença do governador Moysés Lupion, do bispo de Londrina, dom Geraldo Fernandes, que "deu a bênção ao novo local, colocou uma cruz na entrada e depois falou pelo microfone ao grande encontro do povo da Col. Esperança e a Arapongas sobre a importância de uma escola" (*Crônica*, 1961, folha 18) como aquela.

Com o governador, estavam os deputados José Colombino Grassano e Jorge Maria, prefeito de Arapongas e autoridades do município. "Houve, neste dia, uma grande festa com churrasco oferecido gratuitamente pela Colônia às duas mil pessoas" (*Crônica*, 1961, folha 18), devidamente organizado e sistematizado pela associação de moradores, com alguma antecedência.

A colônia atraía, inclusive, olhares de grupos japoneses, como o que esteve por lá em 13 de abril de 1960. Tratava-se de uma comissão de investigação colonial do Japão. "Em geral prefeitos e governadores de diversas cidades e províncias. Mostraram muito interesse para esta Colônia, visitaram igreja e escola e partiram bem impressionados". Também nesta época, frei Pedro Miida foi a São Paulo tratar da saúde, depois de doze anos de trabalhos dedicados à comunidade. Dizia o frei Graciano que frei Pedro "trabalhou muito nesta paróquia, um bom confrade e fiel companheiro". A gratidão que sentiam era tanta que "os japoneses, que sentem muito a ausência do frei Pedro, estimam todas as melhoras do querido frei e esperam quantos antes a volta dele de boa saúde". (*Crônica*, 1961, folha 19)

Durante muitos anos, a colônia católicajaponesa teve, sob sua responsabilidade, a capela de Aricanduva (distrito de Arapongas, localizado entre a colônia e a divisa com Apucarana). Em 1961, no mês de agosto, além da festa na colônia, realizou-se outra na capela do distrito, que passou a pertencer à comunidade nipônica. Em 8 de setembro daquele ano, o frei Graciano celebrou também a primeira comunhão em Aricanduva para "38 crianças, todas bem preparadas pelas irmãs de Col. Esperança e as professoras do Grupo", e à tarde, "mais uma vez, 1ª comunhão em Rolandia, para crianças da católica comunidade alemã". Muita gente para assistir a festa das crianças. "Amigos protestantes, que vieram também gostaram muito da bonita cerimônia". (*Crônica*, 1961, folha 21).

Vale ressaltar a organização do pessoal na Colônia Esperança era tanta que muitas informações específicas constam tanto no chamado livro crônica quanto nos diários escritos pelos secretários da associação dos japoneses. Tome-se os exemplos a seguir:

Tabela 1 – Movimento Pastoral na Colônia Esperança nos anos de 1952 e 1953

	1952	1953
Sacerdotes	1	1
Religiosos	2	2
Freiras	4	4
Habitantes	1240	1244
Congregação Mariana	57	57
Filhas de Maria	44	45
Apostolado da Oração	124	132
Cruzada da Eucaristia	86	122
Alunos no grupo	257	270
Batisados	166	125
Confissões	7.000	6.500
Comunhões	11.500	13.000
Primeira comunhão	50	57
Casamentos	14	17
Pregações	105	103
Extremas unções	10	5
Visitas a enfermos	18	5
Crisma	214	-----

Fonte: Crônica, folhas 8 e 9

Tabela 2 – Relatório do Movimento Pastoral em Colônia Esperança, nos anos de 1954, 1955 e 1956

	1954	1955	1956
Número de almas	1.300	1.200	1.180
Sacerdotes	1	1	1
Religiosos	2	2	2
Freiras	4	4	4
Escolas	1	1	1
Alunos no grupo	290	305	347
Missas celebradas na Colônia	343	407	-----
Catequeses, na sede	150	1.404	-----
Catequeses, fora da sede	140	144	-----
Batisados	124	119	86
Casamentos	12	14	15
Confissões, na sede	6.100	6.250	7.400 (total)
Confissões, fora da sede	45	150	-----
Comunhões, na sede	12.390	13.784	14.972 (total)
Comunhões, fora da sede	45	50	-----
Primeiras Comunhões	42	38	41
Visitas a enfermos	8	9	-----
Extremas Unções	5	2	2
Pregações	60	65	74

Membros pertencentes às associações religiosas

Apostolado da Oração	135	120	108
Congregação Mariana	56	45	33
Filhas de Maria	45	38	24
Cruzada da Eucaristia	116	108	92

Fonte: Crônica, 1961, folhas 9 e 12.

Tabela 3 – Relatório do movimento religioso havido na Colônia Esperança nos anos de 1958 e 1959

	1958	1959
Sacerdotes	1	1
Religiosos	2	2
Freiras	5	5
Escolas	1	1
Alunos no grupo	315	318
Número de almas	1250	1265
Batisados	89	96
Confissões	6750	7585
Comunhão	15700	15485
Casamentos	12	12
Pregações	102	97
Primeiras - Comunhões	83	91
Extremas-Unções	11	6

Fonte: Crônica, 1961, folhas 17 e 18.

Embora existam outros dois trabalhos que tratam da Colônia Esperança, encontrados ao longo desta pesquisa, em ambos, o foco de estudos era diferente: em Andrade (1975), o objeto é a história demográfica e dados populacionais, e em Pereira (1977), a análise dos idiomas falados e sua utilização no cotidiano da comunidade. Em nenhuma destas dissertações as fotografias e a comunicação são tratadas como pontos principais.

Além disso, durante o período de pesquisas, foi possível levantar diversos dados que corrigem informações publicadas anteriormente de forma errônea. Por exemplo, em algumas publicações se encontra que Koshiro Suzuki era catequista na cidade de Gonzaga, no noroeste do estado de São Paulo. No entanto, por meio de entrevista e análise de informações contidas nas imagens, descobriu-se que o nome correto da cidade é Promissão, e Gonzaga é um bairro em que se localiza a "primeira igreja católica construída no Brasil por imigrantes japoneses", inaugurada em 1938, de acordo com informações da prefeitura da cidade. Assim, a combinação de informações anteriormente publicadas, novas pesquisa, contextualização, história oral e análise de imagens foram fundamentais nesse processo de descobertas históricas por meio da comunicação.

3 A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO E FONTE DE RECUPERAÇÃO HISTÓRICA

Para entender o que se passa nos dias de hoje, há que se considerar o passado, tentar descobrir as razões históricas e entender o processo de construção do que se observa no presente. Isso porque "o uso do passado permite que se criem sentidos de continuidade". (CARVALHO; LIMA, 1998, p.111).

Em contraposição com a instabilidade e a falta de distanciamento - necessárias para melhor compreensão dos processos - ambas intrínsecas do presente, o passado tem a seu favor a vantagem de ser finito e passível de análise. "Para além das funções de legitimação, a compreensão e ordenação do passado produzem sentimentos de tranqüilidade e segurança". (CARVALHO; LIMA, 1998, p.117).

Entre as diversas maneiras existentes para conhecer com maior riqueza de detalhes os fatos que se passaram, as fotografias antigas constituem importante meio de compreensão e descobrimento. Defende-se aqui a ideia de que, por meio de uma observação mais profunda de determinada imagem fotográfica antiga, ainda que seja ela pertencente a um acervo particular e retrate apenas a família de determinado personagem, é possível experienciar melhor as cenas que as pessoas que viveram ou presenciaram, complementar informações das histórias de quem participou daquele episódio e ainda fazer novas descobertas até então ignoradas ou mesmo esquecidas pela historiografia oficial.

Parte do fascínio exercido pelas fotografias explica-se nas palavras de Sontag (2004, p.28), que defende que "fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo. [...] Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes". (SONTAG, 2004, p.28).

Nesse sentido, a autora constata que "um novo significado da ideia de informação construiu-se em torno da imagem fotográfica". (SONTAG, 2004, p.33). Por meio deste tipo de imagens, os acontecimentos deixam de ser uma continuidade para enfatizar somente uma parcela, um ponto de vista retratado em um suporte fotográfico.

O mundo se torna uma série de partículas independentes, avulsas. [...] A câmera torna a realidade atômica, manipulável e opaca. É uma visão do mundo que nega a inter-relação, a continuidade, mas confere a cada momento o caráter de mistério. Toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio. (SONTAG, 2004, p.33).

Isso porque, ao congelar determinados instantes de um evento, tais imagens despertam a atenção para ângulos de visão, detalhes e feições que não seriam detectáveis ou mesmo visíveis se considerada apenas a observação da realidade em si. E esta magia implícita nas fotografias torna-as, de acordo com Sontag (2004, p.14), "talvez, os mais misteriosos de todos os objetos que compõem e adensam o ambiente que identificamos como moderno. As fotos são, de fato, experiência capturada, e a câmera é o braço ideal da consciência, em sua disposição aquisitiva".

Por terem essa característica de tornar objetos estáticos, proporcionam ângulos de visão sobre determinadas situações ou pessoas que não seriam possíveis se tais imagens não existissem, como já citado. Além disso, "tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo". (SONTAG, 2004, p.26).

Tal característica torna possível, dessa maneira, o estudo e análise das situações do passado gravadas no suporte fotográfico e que atualmente se encontram modificadas por razões distintas, pois "uma foto é tanto uma pseudopresença quanto uma prova de ausência". (SONTAG, 2004, p.26). Neste caso, da ausência provocada pelas modificações ao longo dos tempos.

As imagens que contém pessoas e lugares que fizeram parte da história pessoal "exprimem uma emoção sentimental e um sentimento implicitamente mágico: são tentativas de contatar ou pleitear outra realidade" (SONTAG, 2004, p.27), que já passou, e contém recordações e sentimentos que somente quem participou daquele determinado momento consegue sentir.

Sontag defende a ideia de que as fotografias "fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto." (SONTAG, 2004, p.16). Seja como instrumento que incrimina ou justifica, mesmo sendo apenas um recorte de determinada situação,

uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem. Quaisquer que sejam as limitações (por amadorismo) ou as pretensões (por talento artístico) do fotógrafo individual, uma foto -qualquer foto - parece ter uma relação mais inocente, e portanto mais acurada, com a realidade visível do que outros objetos miméticos. (SONTAG, 2004, p.16).

Justamente por esta característica de semelhança com a realidade, pode-se inferir que o uso popular mais antigo da fotografia é "comemorar as conquistas de indivíduos tido como membros da família (e também de outros grupos)". (SONTAG, 2004, p.18). Este rito social, que é o ato de fotografar, preserva tais conquistas; fornece uma espécie de "proteção" contra a ansiedade de perder momentos em meio às memórias.

Também é um instrumento de poder, já que "por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma - um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão" (SONTAG, 2004, p.19) e que possibilita descobertas sobre os costumes, lugares e aparências impressas naquele dado registro. Entretanto, Sontag (2004, p.17) alerta que "apesar da presunção da veracidade que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos", há que se considerar que os fotógrafos estão sujeitos a imperativos como gosto e consciência, ainda que estejam preocupados em espelhar a realidade.

Ou seja: as fotografias trazem em si os padrões e os gostos determinados por cada fotógrafo, assim como toda produção humana. "Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos." (SONTAG, 2004, p.17). Tal peculiaridade apresentada pela fotografia de refletir determinado ponto de vista é compartilhada por Flusser (2002, p.32), para quem "fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas". Considerando o fato de que as imagens fotográficas dependem do aparelho fotográfico, especificamente preparado e produzido para tornar reais tais imagens, as fotografias "significam conceitos programados, visando programar magicamente o comportamento de seus receptores". (FLUSSER, 2002, p.37).

As fotografias começaram a ganhar notoriedade e passaram a "duplicar o mundo no momento em que a paisagem humana passou a experimentar um ritmo vertiginoso de transformação". (SONTAG, 2004, p.26). Como o registro de imagens de parentes e amigos mortos, "cuja presença em fotos exorciza uma parte da angústia e do remorso inspirados pelo seu desaparecimento, as fotos dos arrabaldes agora devastados, das regiões rurais desfiguradas e arrasadas, suprem nossa relação portátil com o passado" (SONTAG, 2004, p.26) e auxiliam a reconstituir os cenários para que se possa resgatar a história dessas localidades como a Colônia

Esperança. Em outras palavras: "as fotos são apreciadas porque dão informações. Dizem o que existe; fazem um inventário". (SONTAG, 2004, p.32).

Mesmo que as fotografias preencham "lacunas em nossas imagens mentais do presente e do passado" (SONTAG, 2004, p.33), sempre serão apenas determinada parcela

do evento que retratam, já que "a representação da realidade pela câmera deve sempre ocultar mais do que revela". (SONTAG, 2004, p.33). Tal característica se deve ao fato de que em uma imagem fotográfica ficam registradas informações de apenas um ângulo, um momento de determinado evento. E é neste espaço que se torna importante complementar e contextualizar as informações impressas no suporte fotográfico.

Na Colônia Esperança, a exemplo de outras localidades do norte do Paraná, o intuito inicial não era produzir fotografias para utilização como fonte histórica. Segundo Boni (2007, p.7), este foi um processo que aconteceu "de forma mais lenta e gradual ainda, a fotografia passou a ser utilizada como fonte de documentação histórica".

Desde seu advento, a fotografia tem contribuído para o registro (em seu tempo) - e recuperação (em tempos posteriores) - da história. [...] Ao longo do tempo, em maior ou menor escala, a fotografia foi e tem sido utilizada com um suporte, no mínimo confiável, para a narrativa histórica de todos os segmentos da sociedade. No início, enquanto não se tinha ainda uma noção exata de sua importância e magnitude, era considerada apenas uma mera ilustração. Tempos depois, galgou à condição de instrumento auxiliar de pesquisa. Pouco precisou, a partir de então, para ser reconhecida como documento histórico. Hoje, tem sido largamente utilizada como fonte de pesquisa. (BONI, 2007, p.25).

Observar detalhes, olhar atentamente para os fragmentos de cenas congelados no papel fotográfico, aliado a informações de caráter multidisciplinar: histórico, arquitetônico, cultural e religioso da época estudada, entre outras, enriquece e encorpa a discussão sobre os fatos que realmente aconteceram. Muitas vezes, é possível levantar novas informações, questionar, dirimir dúvidas e propor novos questionamentos acerca da historiografia oficial de determinada localidade, apenas com este olhar mais atento às fotografias. Quando necessário, acrescentam-se ao estudo outros tipos de documentos escritos e também depoimentos de quem presenciou os fatos que ficaram eternizados nas imagens. Tais observações ganham voz e repercussão particularmente em Kossoy (2001, p.45-47), defensor da ideia de que

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado. O artefato fotográfico, através da matéria (que lhe dá corpo) e de sua expressão (o registro visual nele contido) constitui uma fonte histórica. (KOSSOY, 2001, p.45-47).

O emprego do conceito de fonte também se verifica em Mauad (1996, p.82), que elenca determinadas condições para tal uso da imagem fotográfica, ao dizer que "[...] a fotografia - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo - deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar".

E é assim que a fotografia, além de seu papel como representação a partir do real, "em função da materialidade do registro" (KOSSOY, 1999, p.31) em que se encontra o vestígio de um evento que aconteceu na realidade concreta em certo espaço e tempo, é considerada um documento do real, uma fonte histórica.

Somado ao conceito de fonte histórica, neste estudo considera-se o fato de que "trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica". (KOSSOY, 2001, p.55). Legitima-se o emprego de tais imagens para a história porque

Toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, é também um testemunho visual no qual se pode detectar - tal como ocorre nos documentos escritos - não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que toca à imagem fotográfica, uma série de dados poderão ser reveladores, posto que jamais mencionados pela linguagem escrita da história. (KOSSOY, 2001, p.153- 154).

É a fotografia "instrumento de apoio à pesquisa, como meio de conhecimento visual da cena passada e, portanto, como uma possibilidade de descoberta". (KOSSOY, 2001, p.53). Ou seja: considera-se aqui que "os documentos fotográficos constituem, enfim, as fontes primordiais para as diferentes vertentes de investigação, disso resultando uma retroalimentação contínua de informações, na medida em que consideramos a interdisciplinaridade das abordagens". (KOSSOY, 2007, p.34).

Assim, são as fotografias o ponto de partida para obter pistas para desvendar o passado. E "quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica". (KOSSOY, 1999, p.21).

Semelhante visão sobre as imagens fotográficas pode ser encontrada também em Paiva (2006, p.13-14), defensor de que são fontes que permitem "a realização de profundos mergulhos no passado", além de possibilitar a compreensão sobre a complexa rede de relações e cultura que se apresentava em dada época. Associadas a outros conhecimentos

interdisciplinares, transformam-se "em verdadeiras certidões visuais" do passado. (PAIVA, 2006, p.13-14).

Isso se dá somente porque além de ser imagem fixa e produzida a partir de um artefato físico-químico, a fotografia "informa sobre os cenários, as personagens e os acontecimentos de uma determinada cultura material". (BORGES, 2005, p.82). As fotografias, segundo a autora, expressam uma escolha que "pressupõe um jogo de inclusão e exclusão" (BORGES, 2005, p.82), já que o registro no suporte fotossensível é apenas uma parte da realidade. A maior parte dos acontecimentos dos eventos que se encontram registrados em fotografias fica excluído porque tais imagens têm limitações de tamanho e de abrangência dos assuntos.

No entanto, a imagem fotográfica não deixa de ter a função "cultural, que tanto informa quanto constrói interpretações sobre os objetos e sujeitos fotografados". (BORGES, 2005, p.92). Relevante destacar ainda "seu poder de celebrar e difundir a memória coletiva de grupos sociais e sua capacidade de definir perfis socioculturais". (BORGES, 2005, p.92). Justamente o objetivo principal deste trabalho, ou seja, utilizar imagens como fontes de pesquisa para auxiliar na sistematização da história da Colônia Esperança.

Com as fotografias resgatadas neste estudo, é possível compor um arquivo para disseminação das informações nelas contidas, a fim de crescer seu papel como fonte de pesquisa para trabalhos posteriores, posto que há a clara noção de que

[...] a imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. Há [...] lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. Nessa perspectiva a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e as outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente. (PAIVA, 2006, p.19).

Por meio das imagens, especialmente as fotográficas, é possível conhecer com riqueza de detalhes - e complementar as informações obtidas em relatos orais de pioneiros. As situações e os eventos descritos nas entrevistas deixam de ser apenas imaginação ou suposição e se tornam visíveis para as outras pessoas que não vivenciaram aquela determinada realidade. E é especificamente a fotografia que traz a possibilidade de mostrar e observar - ao menos em parte; entretanto, com muito mais eficiência e eficácia - um resquício do passado que resiste ao tempo na memória das pessoas comuns que ajudaram a formar o mundo em que se vive hoje.

Moda e vestuário, condições de trabalho, paisagens urbanas e rurais, costumes, fachadas de casas, ruas, prédios, eventos oficiais, floresta nativa, aparência física, meios de transporte, vegetação, artefatos, instrumentos, brinquedos, entre tantos, são alguns dos elementos que se podem recuperar apenas observando detalhadamente o suporte fotográfico. Isso porque "o mundo tornou-se de certa forma 'familiar' após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica". (KOSSOY, 2001, p.26). Nas reflexões do autor, a invenção da fotografia se associa, em certa medida, à invenção da máquina do tempo, pois os produtos das máquinas fotográficas permitem viajar no tempo, em direção a cenários e situações em que as pessoas se vêem representadas.

A peculiar característica de emocionar e ativar as lembranças e a imaginação faz com que se viva "essa ilusão documental." (KOSSOY, 2007, p.146). Apesar de sua natureza técnica, ela guarda em si fragmentos de instantes de vida das pessoas, e preserva uma magia única: a de despertar emoções em quem se reconhece ou percebe um rosto familiar, uma história de vida. Em outras palavras,

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem - escolhida e refletida - de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 2001, p.156).

Complementando a ideia, Kossoy (2007, p.131) revela que esta memória se dá "enquanto registro da aparência" do que foi retratado naquele "preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência. É assunto ilusoriamente re-tirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem". (KOSSOY, 2007, p.131). Ali estão presentes "vestígios de um passado, admiráveis realidades em suspensão caracterizados por tempos muito bem demarcados: o de sua gênese e o de sua duração". (KOSSOY, 2007, p.131). Ainda assim, apesar de suas restrições, por terem a característica de ativar lembranças nas pessoas que vivenciaram as situações nelas impressas, "as imagens constituem um dos sustentáculos da memória". (KOSSOY, 2007, p.103).

As memórias e lembranças dos tempos passados teriam outras relações, pois "não fosse o advento da fotografia, o século XIX certamente não seria o mesmo; o mundo não

seria o mesmo. O que seriam dos cenários, personagens e fatos sem um 'espelho com memória' para registrá-los?" (KOSSOY, 2007, p.159).

3.1 A FOTOGRAFIA É FONTE DE PESQUISA

Apesar dos inúmeros pontos a favor do estudo de imagens - especificamente as fotográficas - como fontes de pesquisa, encontram-se certas resistências, divergências e questionamentos quanto à sua utilização. Primeiramente devido ao fato de que "graças a sua natureza físico-química - e hoje eletrônica - de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade" (KOSSOY, 1999, p.19), muitas vezes sendo tomada como "o real" em si.

No entanto, as imagens que se eternizaram no documento fotográfico não podem ser consideradas prova incontestável do que aconteceu. O que se apresentam são "fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza" (KOSSOY, 1999, p.19), representações de dado instante congelado no suporte fotográfico. Ou seja: a imagem fotográfica é portadora do registro de certa parcela selecionada da realidade, um recorte espacial congelado em determinado momento de sua ocorrência, visto que "em toda fotografia há um recorte espacial e uma interrupção temporal, fato que ocorre no instante (ato) do registro". (KOSSOY, 1999, p.29).

Então, o que ocorre é que "a imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo". (KOSSOY, 1999, p.33). O que se deve ter em mente é que somente os registros constantes nas fotografias não são suficientes para a compreensão dos processos que levaram à construção do presente.

Entretanto, o fato de conter apenas indícios não tira o mérito da utilização da fotografia, pois "a documentação iconográfica é uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado." (KOSSOY, 2007, p.31). Não se deve esquecer, contudo, que se trata de um "conhecimento de aparência" (KOSSOY, 2007, p.31) - as imagens guardam em si apenas indícios dos acontecimentos, a face externa de histórias que não se mostram, e que se pretende desvendar, opinião compartilhada também por Paiva (2006, p.18).

A partir das informações ali contidas, busca-se a complementação com documentos de outras naturezas que possam realmente legitimar o que é perceptível

visualmente naquela representação imagética. Importante destacar o fato de que a imagem fotográfica é resultante de um processo de construção da realidade que envolve as escolhas do fotógrafo, as tecnologias presentes no aparelho fotográfico, e é um sistema de representação visual.

Se, por um instante, durante a gravação da imagem, houve uma conexão com o fato real, no instante seguinte, e para sempre, o que se tem é o assunto representado; o fato se dilui no instante em que é registrado: o fato é efêmero, sua memória, contudo, permanece - pela fotografia. São os documentos fotográficos que agora prevalecem; neles vemos algo que fisicamente não é tangível; é a dimensão da representação; uma experiência ambígua que envolve os receptores, pois, dependendo do objeto retratado, desliza entre a informação e a emoção. (KOSSOY, 2007, p.42-43).

Não se trata de questionar a ocorrência ou existência do assunto presente na imagem. Considera-se que "do objeto à sua representação, existe sempre uma transposição de dimensões e *de realidades*". (KOSSOY, 1999, p.43, grifo do autor). Portanto, o real que se observa por meio da imagem fotográfica é chamado pelo autor de segunda realidade, e "diz respeito à realidade fragmentária do assunto, ao mesmo tempo em que é a realidade da representação enquanto tal". (KOSSOY, 1999, p.43).

É a realidade do documento, da representação elaborada, e se trata do acesso ao mundo da aparência, que preserva as formas de um objeto ou cenário ou as feições de um indivíduo recortadas no espaço, paralisadas no tempo, de um universo não material e intangível, não importa qual seja o caráter da imagem (analógica ou digital). E isso se dá devido ao fato de que o "processo de construção do signo fotográfico implica necessariamente a criação documental de uma realidade concreta." (KOSSOY, 1999, p.46). Por sua diversidade, essas realidades entram em conflito.

É o confronto entre a realidade que se vê: a segunda realidade (a que se insere no documento, a representação) - através de nossos filtros culturais, estético/ideológicos - e a realidade que se imagina: a primeira realidade (a do fato passado), recuperado apenas de maneira fragmentária por referências (pleno de hiatos) ou pelas lembranças pessoais (emocionais). (KOSSOY, 1999, p.47-48).

Essa tensão estabelecida no espírito do receptor entre o conteúdo da imagem fotográfica em função de suas imagens mentais é o "conflito constante entre o visível e o invisível, entre o aparente e o oculto". E é por meio deste "elo material de ligação ao passado

que tomamos como referência, como documento de um dado tema na dimensão da vida, isto é, em sua primeira realidade". (KOSSOY, 1999, p.43).

Tal peculiaridade - das realidades fotográficas - que Kossoy define como sendo "o ponto nodal da expressão fotográfica". (KOSSOY, 1999, p.47). Em sua opinião, a realidade da fotografia é "moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (análogas, sua *realidade exterior*) e de segredos implícitos (sua história particular, sua *realidade interior*) *documental porém imaginária*". (KOSSOY, 1999, p.47-48, grifo do autor). Essa realidade da fotografia é, pois, "uma expressão peculiar que, por possibilitar inúmeras representações/interpretações, realimenta o imaginário num processo sucessivo e interminável de construção e criação de novas realidades". (KOSSOY, 1999, p.48).

Em dado momento, encontra-se a referência aos conceitos de índice e ícone em suas definições sobre a mensagem no documento fotográfico. Para compreender melhor, é importante saber que, para Kossoy (1999, p.33), índice se define como a prova documental de que o assunto representado na imagem existiu, independentemente do fato de ser tangível ou intangível. No conteúdo da fotografia, há sempre o "*rastro indicial* (marca luminosa deixada pelo referente na chapa fotográfica) *mesmo que esse referente tenha sido artificialmente produzido*". (KOSSOY, 1999, p.33, grifo do autor).

No caso do ícone, é a "comprovação documental da aparência do assunto e da semelhança que o mesmo tem com a imagem fixada na chapa" (KOSSOY, 1999, p.33), em função da tecnologia presente no registro iconográfico, "com elevado grau de semelhança com o referente que lhe deu origem". (KOSSOY, 1999, p.33). Assim, o autor defende que "o vínculo com o real sustenta o status indicial da fotografia". (KOSSOY, 2007, p.42). Isso porque, para Kossoy (2007, p.41), "a imagem fotográfica é, portanto, *indiciária*, na medida em que propicia a descoberta de 'pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador'."

Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos, de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. Um conjunto de informações escritas e visuais que, associadas umas às outras, nos permitem datar, localizar geograficamente, identificar, recuperar enfim, micro-histórias de diferentes naturezas implícitas no documento. (KOSSOY, 2007, p.41).

Justamente por essa carga de sentidos é que não se pode tomar a fotografia de forma ingênua. É por esse motivo que a crítica da fonte é defendida tanto por Kossoy

(2007, p.43), quanto por Burke (2004, p.30). Kossoy relata que "a aparência é a base da chamada evidência fotográfica" e, ainda que haja fatos muito próximos da realidade que se tornou fixa em um suporte fotográfico, há a grande possibilidade de a cena retratada ter sido encenada. "A evidência não pode deixar de ser questionada." (KOSSOY, 2007, p.43). Burke diz que é essencial saber a procedência do documento estudado. O autor lembra que, "como o crítico de arte John Ruskin (1819-1900) inteligentemente observou, a evidência de fotografias 'é de grande utilidade se você souber como interrogá-las'." (BURKE, 2004, p.30).

Como se pode observar, as fotografias não são documentos inocentes. O "papel cultural da fotografia", sua capacidade de "informação e desinformação", seu poderio "de emocionar e transformar, de denunciar e manipular", fazem dela um "instrumento ambíguo de conhecimento, ela exerce contínuo fascínio sobre os homens". (KOSSOY, 2007, p.31).

Deve-se considerar que embora preserve as referências e lembranças, documente os acontecimentos cotidianos das sociedades e fixe a memória histórica, a imagem fotográfica, sendo uma representação que traz a possibilidade de ter escolhas e recortes, pode ser utilizada para diferentes fins ideológicos, com intuito de influenciar a opinião pública. "E tal manipulação tem sido possível justamente com função da mencionada credibilidade que as imagens têm junto à massa, para quem, seus conteúdos são aceitos e assimilados como a expressão da verdade." (KOSSOY, 1999, p.19-20).

Nem sempre se utilizou do suporte fotográfico como documento para pesquisas. Inicialmente, por volta do século XIX, a fotografia, assim como outros tipos de imagens, apenas possuía o papel de confirmar o que estava expresso nos documentos escritos e tornar mais compreensíveis esses conteúdos. Nesse momento, "*as imagens visuais não passavam de documentos de segunda categoria*". (BORGES, 2005, p.23, grifo da autora). A mudança na utilização da fotografia como fonte de pesquisa se deu a partir do momento em que o "conhecimento histórico deixa de ser percebido como *dado natural* e passa a ser entendido como *conteúdo cultural sujeito a interpretações*". (BORGES, 2005, p.17, grifo da autora).

Embora a fotografia possua o caráter de representação fiel da realidade para muitos, "a ânsia de apreender o mundo a partir de suas manifestações essencialmente objetivas e precisas, característica da herança do pensamento cartesiano, não foi suficiente para eliminar a magia e a comoção que as imagens despertaram e despertam no homem" (BORGES, 2005, p.35), por ativar a memória das pessoas e relembrar os sentimentos do evento ali impresso. Ao tornar possível "o constante desejo de eternizar a condição humana"

(BORGES, 2005, p.35), a fotografia tem o poder de despertar os mais variados "sentimentos de medo, angústia, paixão e encanto. Reúne e separa homens e mulheres, informa e celebra, reedita e produz comportamentos e valores. Comunica e simboliza. Representa." (BORGES, 2005, p.35).

A utilização do potencial das fotografias é defendida por Burke (2004, p.16), que considera que "o uso de imagens por historiadores não pode e não deve ser limitado à 'evidência' no sentido estrito do termo. [...] Deve-se também deixar espaço para o que Francis Haskell denominou 'o impacto da imagem na imaginação histórica.'" Observar documentos iconográficos antigos permite à posteridade "compartilhar as experiências não-verbais ou o conhecimento de culturas passadas. [...] Trazem-nos o que podemos ter conhecido, mas não havíamos levado tão a sério antes". Burke defende a utilização de imagens devido ao fato de que,

Em resumo, imagens nos permitem "imaginar" o passado de forma mais vívida. Como sugerido pelo crítico Stephen Bann, nossa posição face a face com uma imagem, nos coloca "face a face com a história." [...] Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas. (BURKE, 2004, p.16).

Nesse sentido, Burke (2004, p.29) afirma ainda que "da mesma forma que outras formas de evidência, fotografias podem ser consideradas ambas as coisas evidência da história e história. Elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado", já que o estudo do uso de imagens em diferentes períodos da história "permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite etc". (BURKE, 2004, p.16).

Para Carvalho e Lima (1998, p.116-117), a força documental deste tipo de imagens remete ao seu caráter de reprodução fiel da realidade, e ao "caráter indicial da fotografia (entendido como aquele que carrega as marcas do referente externo)", que

contribuíram para transformar as primeiras imagens fotográficas da cidade não apenas em documentos, no sentido atual do termo - uma produção de época que sirva de matéria-prima para a produção de conhecimento sobre a sociedade -, mas em portadoras dos vestígios do período, das quais o pesquisador apenas extrai uma realidade não mais existente no espaço da cidade, mas, felizmente, retida no espaço fotográfico. (CARVALHO; LIMA, 1998, p.116-117).

São esses vestígios que representam realidades passadas e esse caráter indicial da fotografia que tornam possível unir tais informações a outras de diversas naturezas, contextualizar fatos, obter evidências que possibilitem a análise desse material e inferir descobertas dos eventos ocorridos anos atrás, com a aplicação do método explicitado no próximo item.

3.2 ANÁLISE ICONOGRÁFICA E INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA

A descrição pré-iconográfica, a análise iconográfica e a interpretação iconológica de fotografias, metodologia presente nesta dissertação e proposta por Kossoy (2007, p.47), é baseada em estudos inicialmente pensados e aplicados à história da arte por Panofsky (2001, p.47-63), também encontrados em Burke (2004, p.44-45).

Os termos "iconografia" e "iconologia" foram relançados no mundo da história da arte durante as décadas de 20 e 30 do século XX, segundo Burke (2004, p.44). Em meados da década de 30, "o uso desses termos tornou-se associado a uma reação contra uma análise predominantemente formal de pinturas em termos de composição ou cor, em detrimento do tema". (BURKE, 2004, p.44).

Estes historiadores da arte, os "iconografistas", "ênfatisam o conteúdo intelectual dos trabalhos de arte, sua filosofia ou teologia implícitas". (BURKE, 2004, p.44). Para estes estudiosos, "pinturas não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem 'lidas'". Ou, em outras palavras, pela definição de Panofsky (2001, p.47), "iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma".

A Escola de Warburg era o grupo mais famoso de iconografistas, radicado Hamburgo nos anos anteriores à ascensão de Hitler ao poder. Incluíam-se nesse grupo intelectuais como Aby Warburg (1866-1929), Fritz Saxl (1890-1948), Erwin Panofsky (1892-1968) e Edgar Wind (1900-1971), "estudiosos com boa educação clássica e grande interesse por literatura, história e filosofia. O filósofo Ernst Cassirer (1874-1945) era outro membro desse círculo de Hamburgo e compartilhava o interesse por formas simbólicas". (BURKE, 2004, p.45). Warburg terminou a carreira tentando produzir uma "história cultural baseada tanto em imagens quanto em textos". (BURKE, 2004, p.14).

Com Hitler no poder, "depois de 1933, Panofsky emigrou para os Estados Unidos, enquanto Saxl, Wind e até mesmo o Instituto Warburg" (que se desenvolveu a partir da biblioteca de Aby Warburg e continuou a estimular o enfoque da evidência visual como evidência histórica) "refugiaram-se na Inglaterra, daí divulgando mais amplamente o conhecimento sobre o método iconográfico". (BURKE, 2004, p.45).

Este "enfoque de imagens do grupo de Hamburgo foi sintetizado num famoso ensaio de Panofsky, inicialmente publicado em 1939, distinguindo três níveis de interpretação correspondendo a três níveis de significação no próprio trabalho". (BURKE, 2004, p.45). São:

1º: **Descrição pré-iconográfica:** voltada para o "significado natural", consistia na identificação de objetos (tais como árvores, prédios, animais e pessoas) e eventos (refeições, batalhas, procissões, etc.). Em Kossoy (2007, p.47), nível primário.

2º: **Análise iconográfica:** no sentido estrito, voltado para o "significado convencional" (reconhecer uma ceia como a Última Ceia ou uma batalha como a Batalha de Waterloo). Nível secundário, descrito por Kossoy (2007, p.47).

3º (principal): **Interpretação iconológica:** distinguia-se da iconografia pelo fato de se voltar para o "significado intrínseco". Em outras palavras, "os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica". É nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, de fato indispensável, para os historiadores culturais. (BURKE, 2004, p.45). Mais profundo, busca o conteúdo que comporta valores simbólicos, nas palavras de Kossoy (2007, p.47).

Iniciando pelo detalhamento da **descrição pré-iconográfica**, de acordo com Panofsky (2001, p.50), consiste na apreensão do "tema primário ou natural, subdividido em fatural e expressional". Ou seja, "pela identificação das formas puras [...] como representativos de objetos naturais; pela identificação de suas relações mútuas como acontecimentos; e pela percepção de algumas qualidades expressionalis". Seria algo como a descrição dos elementos que consituem e fazem parte da fotografia, sem mais considerações. Este mundo das formas puras "assim reconhecidas como portadoras de significados primários ou naturais pode ser chamado de mundo dos motivos artísticos". (PANOFSKY, 2001, p.50).

Já a **análise iconográfica** pressupõe a identificação do tema secundário ou convencional, que permitem ligar "os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composições) como assuntos e conceitos". (PANOFSKY, 2001, p 50). Para o autor, os "motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se de imagens, sendo que combinações de imagens são o que os antigos

teóricos de arte chamavam de *invenzionf*, que se identificam como estórias e alegorias. "A identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por 'iconografia!'. (PANOFSKY, 2001, p 50).

Quando se refere ao "tema em oposição à forma", o autor diz respeito, principalmente, "à esfera dos temas secundários ou convencionais, ou seja, ao mundo dos assuntos específicos ou conceitos manifestados em imagens, estórias e alegorias, em oposição ao campo dos temas primários ou naturais manifestados nos motivos artísticos". (PANOFSKY, 2001, p 50).

Além disso, a análise iconográfica, tratando das imagens, estórias e alegorias em vez dos motivos, pressupõe "muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que se adquirem pela experiência prática. É necessária a familiaridade com temas específicos, conceitos e temas específicos transmitidos por fontes literárias; aquilo que os autores das representações liam ou sabiam". (PANOFSKY, 2001, p.58). Assim, Panofsky "insistia na idéia de que imagens são parte de toda uma cultura e não podem ser compreendidas sem um conhecimento daquela cultura". (BURKE, 2004, p.46).

É com a aplicação desta análise iconográfica em fotografias que se empreende, segundo Kossoy (1999, p.58), uma "verdadeira 'arqueologia' do documento". Sugerem-se duas linhas de análise multidisciplinares "para a decodificação de informações explícitas/implícitas no documento fotográfico e no suporte que o contém", com dois objetivos:

1. A reconstituição do processo que originou o artefato, a fotografia: pretende-se, assim, determinar os elementos que concorreram para sua materialização documental (seus elementos constitutivos: assunto, fotógrafo, tecnologia) em dado lugar e época (suas coordenadas de situação: espaço, tempo);
2. A recuperação do inventário de informações codificadas na imagem fotográfica: trata-se de obter uma minuciosa identificação dos detalhes icônicos que compõem seu conteúdo. (KOSSOY, 1999, p.58).

O que se propõe com as informações obtidas por meio da análise iconográfica é a revelação de "dados concretos sobre o documento no que diz respeito à sua materialização documental e aos detalhes icônicos nele gravados". (KOSSOY, 1999, p.58). São detalhamentos "definitivamente úteis". Em síntese, "busca-se através da análise iconográfica, decodificar a realidade exterior do assunto registrado na representação fotográfica, sua face visível, sua segunda realidade". (KOSSOY, 1999, p.59).

Em se tratando da **interpretação iconológica**, é a busca pelo significado intrínseco ou conteúdo "apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica - qualificados por uma personalidade e condensados numa obra". (PANOFSKY, 2001, p.52). É o detalhamento e as relações que se podem extrair dos elementos da imagem. Para o autor, "uma interpretação realmente exaustiva do significado intrínseco poderia até nos mostrar técnicas características de um certo país, período ou artista". (PANOFSKY, 2001, p.52).

Nessa concepção das formas puras, dos motivos, das imagens, estórias e alegorias como manifestações de princípios básicos e gerais, interpretam-se esses elementos como sendo o que Ernst Cassirer (*apud* PANOFSKY, 2001, p.53) chamou de valores "simbólicos". É a busca pela compreensão de uma obra de arte, tratando-a "como um sintoma de algo mais que se expressa numa variedade incontável de outros sintomas e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como evidência mais particularizada desse 'algo mais'". (PANOFSKY, 2001, p.53).

Para a interpretação iconológica, em que se deseja captar os "princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, estórias e alegorias, e que dão sentido até aos arranjos formais e aos processos técnicos empregados" (PANOFSKY, 2001, p.62), é necessária "uma faculdade mental comparável à de um clínico nos seus diagnósticos - faculdade essa que só me é dado descrever pelo termo bastante desacreditado de 'intuição sintética', e que pode ser mais desenvolvida num leigo talentoso do que num estudioso erudito". (PANOFSKY, 2001, p.62).

Quando utilizada em fotografias, considera-se que "o documento fotográfico é uma representação a partir do real, uma representação onde se tem registrado um aspecto *selecionado* daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente". (KOSSOY, 1999, p.59, grifo do autor).

Ou seja: o "testemunho fotográfico, embora registre em seu conteúdo uma dada situação do real - o referente - sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo" do fotógrafo, que cria e constrói a representação que resta no suporte fotográfico. Kossoy (1999, p.59) argumenta que este nível já não comporta o estabelecimento de "regras" por se situar "na esfera das mentalidades". No entanto, sugere dois caminhos básicos para essa decifração:

1. Resgatar, na medida do possível, a história própria do assunto, seja no momento em que foi registrado, seja independentemente da mesma representação;
2. Buscar a desmontagem das condições de produção: o processo de criação que resultou na representação em estudo. (KOSSOY, 1999, p.59).

Enfim, "busca-se, pela interpretação iconológica, decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade, além da verdade iconográfica". (KOSSOY, 1999, p.60). Estas duas últimas etapas se diferenciam da seguinte maneira:

Se a análise iconográfica se situa no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental. Trata-se da recuperação de diferentes camadas de significação. A interpretação iconológica se desenvolve na esfera das idéias, das mentalidades. (KOSSOY, 2007, p.55-56).

Considera-se ainda que, em termos de análise histórica da mensagem fotográfica, Mauad (1996, p.82) defende que tal procedimento encontra

na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais. (MAUAD, 1996, p.82).

Essa descoberta e interpretação de valores "simbólicos" - que podem até ser desconhecidos pelo artista e diferir bastante do que ele tentou expressar - "é o objeto do que se poderia designar por 'iconologia' em oposição a 'iconografia'". (PANOFSKY, 2001, p.53). Como forma de elucidar melhor as diferenças, Panofsky (2001, p.53-54) propõe a diferenciação dos dois conceitos.

O termo iconografia, segundo Panofsky (2001, p.53), é composto pelo sufixo "grafia", que vem do verbo grego *graphein*, "escrever", e "implica um método de proceder puramente descritivo, ou até mesmo estatístico. A iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens" (PANOFSKY, 2001, p.53). A iconografia "é um estudo limitado [...] que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos". (PANOFSKY, 2001, p.53). Assim, "a iconografia é de auxílio

incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores". (PANOFSKY, 2001, p.53).

Entretanto, "ela não tenta elaborar a interpretação sozinha. Coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar" (PANOFSKY, 2001, p.53) todos os detalhes que possam estar implícitos na obra. "Resumindo, a iconografia considera apenas uma parte de todos esses elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma obra de arte e que precisam tornar-se explícitos se se quiser que a percepção desse conteúdo venha a ser articulada e comunicável". (PANOFSKY, 2001, p.53-54).

Em relação à iconologia, "o sufixo 'logia' - derivado de logos, que quer dizer 'pensamento', 'razão' - denota algo interpretativo". (PANOFSKY, 2001, p.54). Na concepção de Panofsky, a iconologia é considerada "como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel do exame estatístico preliminar". (PANOFSKY, 2001, p.54).

Por este motivo, os estudos não devem se limitar somente à análise iconográfica, pois a interpretação iconológica fornece elementos para enriquecer a pesquisa, devido ao fato de que a iconologia

é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise de imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica. (PANOFSKY, 2001, p.54).

Para organizar a apresentação de sua metodologia, Panofsky (2001, p.64-65) sugere os seguintes quadros sinópticos:

Tabela 4 – Quadro sinóptico de Panofsky 1

Objeto da interpretação	Ato da interpretação
1. <i>Tema primário ou natural</i> - (A) fatural, (B) expressional - constituindo o mundo dos <i>motivos artísticos</i>	<i>Descrição pré-iconográfica</i> (e análise pseudoformal)
II. <i>Tema secundário ou convencional</i> , constituindo o mundo das <i>imagens, estórias e alegorias</i>	<i>Análise iconográfica</i>
III. <i>Significado intrínseco</i> ou <i>conteúdo</i> , constituindo o mundo dos “valores simbólicos”	<i>Interpretação iconológica</i>

Fonte: Panofsky (2001, p.64-65)

Tabela 5 – Quadro sinóptico de Panofsky 2

Equipamento para a interpretação	Princípios corretivos de interpretação (História da Tradição)
<i>Experiência prática</i> (familiaridade com objetos e eventos)	História do <i>estilo</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>objetos</i> e <i>eventos</i> foram expressos pelas <i>formas</i>)
<i>Conhecimento de fontes literárias</i> (familiaridade com <i>temas</i> e <i>conceitos específicos</i>)	História dos <i>tipos</i> (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>temas</i> ou <i>conceitos</i> foram expressos por <i>objetos</i> e <i>eventos</i>)
<i>Intuição sintética</i> (familiaridade com as tendências essenciais da <i>mente humana</i>), condicionada pela psicologia pessoal e <i>Weltanschauung</i> (crença)	História dos <i>sintomas culturais</i> ou “símbolos” (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, <i>tendências essenciais da mente humana</i> foram expressas por <i>temas</i> e <i>conceitos específicos</i>)

Fonte: Panofsky (2001, p.64-65)

Ainda que esta proposição metodológica tenha sido elaborada para analisar pinturas, parte-se do princípio de que, assim como este tipo de imagens, as fotografias são representações da realidade das quais também se podem inferir diferentes interpretações e visões de mundo, consolidando seu papel de documento histórico e fonte de pesquisa, tal como sistematizou Kossoy (1999; 2001; 2007).

3.3 HISTÓRIA ORAL

Como a ênfase deste estudo se deu nas fotografias, e em escala menor -mas não menos importante - nas entrevistas, a história oral não pode ser considerada uma metodologia de pesquisa nesta abordagem. Assim, utilizou-se a história oral entendida "como técnica, contudo, deve-se supor que exista uma documentação paralela, escrita ou iconográfica, e que os depoimentos seriam mais um complemento. O objeto central, nesse caso, seria a documentação cartorial, escrita ou imagética". (MEIHY, 2002, p.43).

Ou seja: como uma forma de confirmar certos pontos e dirimir dúvidas em relação às informações obtidas pelas imagens e possibilitar maior contextualização dos dados descritos em documentos e publicações anteriores, a história oral, pois "é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva". (MEIHY, 2002, p.13). Parte-se do princípio de que este tipo de procedimento possibilita "uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado". (MEIHY, 2002, p.15).

Nesse sentido, é utilizada como técnica para auxiliar a interpretação das imagens por promover "um diálogo entre as diferentes fontes escritas e orais". (BESPALHOK, 2006, p.18). Além disso, "a entrevista possibilitada pela história oral também abre um leque para que o pesquisador descubra documentos escritos, visuais ou sonoros aos quais não teria acesso de outra forma". (BESPALHOK, 2006, p.23).

Neste trabalho, buscou-se entrevistar os descendentes diretos (no caso, filhos) dos pioneiros da Colônia Esperança, que ainda vivessem na localidade (são eles Miguel Massake Makiyama, Inácio Suzuki, Ticara Hasegawa e Verônica Watanabe). Todos os entrevistados eram conhecidos, e as relações de amizade facilitaram o contato e proporcionaram maior possibilidade de acesso às informações pessoais de cada fonte.

Depois de conversar e obter dados por vezes inéditos ou desconhecidos, incluíam-se questionamentos a respeito de fotografias antigas, seus autores e demais fatos que pudessem contextualizar e localizar no espaço e no tempo tais imagens. Interessante ressaltar que, durante as entrevistas, a inclusão das fotografias como assunto levou os entrevistados a disparar o "gatilho da memória". Por meio de imagens, as lembranças sobre aquelas determinadas situações ali gravadas despertam as histórias, emoções e sensações guardadas a respeito daquele assunto. E levam a descobertas de temáticas implícitas, que não são visíveis

somente pela observação. O acesso às imagens fotográficas ocorreu sem quaisquer restrições, e isso se deve à amizade de longa data. Muitas delas não continham identificação, ou estavam soltas e misturadas a outras diversas.

No entanto, vale ressaltar que foi possível identificar em determinadas fotografias datas, informações sobre o conteúdo registrado e até mesmo autoria, que não era uma preocupação recorrente à época da fundação da colônia. Isso se deve a um costume que alguns japoneses mantêm: o de identificar imagens fotográficas e registrar fatos do cotidiano. Para eles, as anotações são como sustentáculos da memória, e não deixam cair no esquecimento os eventos que um dia foram importantes em suas vidas.

Neste estudo, descobriu-se um diário escrito por Tomio Handa, com nomes e informações detalhadas sobre cada comprador de terras da colônia. São três manuscritos, que contém traduções de livros com atas de reuniões, entre os anos de 1937 e 1963, da associação japonesa da colônia (feitas pelo padre João Idoi), e um livro ata com os principais episódios dos anos de 1948 a 1961, escrito por padres e secretários da paróquia. Graças a gestos simples como estes que, mesmo sem intenção, muitos feitos acabaram entrando para a história. Tais descobertas reforçam as palavras de Thompson (1998, p.25), quando diz que: "A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados."

Justamente por ter a confiança das pessoas, e para poder ter acesso mais livre a tudo que elas quisessem falar e não causar constrangimentos por motivos de timidez dos entrevistados, decidiu-se pela não utilização de gravador durante as entrevistas. A única exceção foi Inácio Suzuki, por não se importar em ter o depoimento gravado.

Embora se possa argumentar que pessoas não sejam objetivos para se sistematizar acontecimento históricos, deve-se ter em mente que "de uma forma ou de outra, as fontes históricas, sejam as orais, escritas ou visuais, têm traços de subjetividade [...]". (BESPALHOK, 2006, p.18).

Assim como as imagens fotográficas não podem ser consideradas a verdade absoluta do fato que registram, e sim um ponto de vista do fotógrafo, a história oral não é algo cuja veracidade é incondicional. No entanto, "mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato, pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória". (MEIHY, 2002, p.146).

Somam-se também à utilização da história oral as preocupações com a crítica da fonte, já que, de acordo com Bespalhok (2006, p.18), "devem prevalecer apenas os

cuidados que todo pesquisador precisa tomar quando vai se valer de qualquer documento: verificar se não é uma falsificação, com que finalidade e quem o produziu", e, neste caso específico das fontes orais, "buscar a consistência interna, procurar confirmação em outras fontes, e estar alerta quanto ao viés potencial". (THOMPSON, 1998, p.139).

Assim como em Bernal (2006, p.25), para este trabalho não foi solicitado que os entrevistados assinassem um termo de cessão de direitos das entrevistas. No momento do contato inicial com cada uma das pessoas que deram seus depoimentos a esta pesquisa, foi descrita a finalidade e a utilização do conteúdo dos relatos.

Observa-se ainda que "no olhar que lançamos a cada depoimento, procuramos não perder de vista o fato de que nossas memórias movimentam-se entre o passado e o presente, em um ato de constante reprocessamento das experiências vividas". (BERNAL, 2006, p.20). Além disso,

As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências: quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. (BERNAL, 2006, p.20).

3.4 O EXERCÍCIO FASCINANTE

O três anos de estudo com esta temática - a da utilização da fotografia como instrumento de pesquisa e fonte de recuperação da história - foram suficientes para compreender o entendimento de Kossoy ao classificar a reconstituição das histórias acerca da fotografia.

Exercício fascinante é o de devolver aos rostos e cenários perdidos sua identidade, sua localização, sua referência, resgatando assim a substância documental às representações fotográficas daqueles que um dia viveram, amaram e sofreram ou das coisas que foram criadas, pensadas, construídas e que se perderam ou desapareceram. Exercício fascinante é o de resgatar os nomes, hábitos e o dia-a-dia dos moradores que habitaram determinada casa que vemos nas antigas fotos das cidades; detalhes sobre a arquitetura das edificações, o traçado das ruas, a vegetação ornamental; particularidades acerca das atividades do comércio através das placas nas fachadas; os cartazes promocionais anunciando algum produto medicinal ou alguma apresentação teatral; o tipo de transporte urbano; a calma de certas ruas e o burburinho de outras, a moda, o gesto, um certo ritmo no andar, a malícia no olhar..., o comum e o suspeito, o explícito e o implícito. (KOSSOY, 1999, p.129).

Além disso, a existência de imagens e arquivos, encorajada pelo autor, deveria ser parte de uma cultura de preservação da memória do que se tem no presente, consolidado ou em fase de transição. Assim são as imagens e arquivos.

Para que possamos fazer essas e outras descobertas; para que possamos preservar a lembrança de certos momentos e das pessoas que nos são caras; para que nossa imagem não se apague; para que não percamos as referências do nosso passado, dos nossos valores, da nossa história, dos nossos sonhos; para que possamos manter acesa a chama dos que foram sacrificados nos tempos de intolerância e autoritarismo; para que possamos preservar as imagens dos desaparecidos e torturados; para que tenhamos provas de que fatos hediondos ocorreram; para que não nos esqueçamos... (KOSSOY, 1999, p.130).

O uso de fotografias como fonte de recuperação histórica vem ganhando relevância, especialmente a partir da década de 90 do século XX, por adicionar informações - algumas vezes propositadamente esquecidas ou sutilmente preteridas - aos registros da historiografia oficial.

Este meio de conhecimento do passado por meio de imagens fotográficas é de grande relevância, especialmente em localidades em que a possibilidade de encontrar pioneiros vivos ainda existe, devido ao fato de que a região é de colonização recente - em 2009, completaram-se 80 anos do início dos trabalhos para povoar os 515 mil alqueires paulistas comprados pela então Companhia de Terras Norte do Paraná, que tempos depois passaria a se chamar Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná - e, principalmente, em lugares nos quais a história não se encontra devidamente sistematizada, como no caso da Colônia Esperança, objeto central de análise deste estudo. É uma comunidade rural da cidade de Arapongas, situada no norte do Paraná, inicialmente formada por japoneses católicos que viviam no Brasil (em 5 de maio de 2010, a comunidade completa 75 anos de fundação).

Ali a história ainda não está consolidada e publicada. O uso de imagens torna-se fundamental para dirimir dúvidas e conhecer melhor aspectos da vida cotidiana de seus primeiros anos. Apesar de quase todos os personagens principais (os colonizadores) já haver falecido, seus feitos ainda são facilmente recuperáveis, pois suas histórias podem ser recuperadas pelas fotografias de época e por depoimentos de seus descendentes.

Mesmo em livros ou depoimentos de pessoas que vivenciaram os acontecimentos do início da história de Arapongas e da Colônia Esperança, resta a sensação de que faltam elementos para ajudar a reconstituir tais cenários com mais riqueza de detalhes.

Nesse sentido, o trabalho de fotógrafos como Jamil Jabra Malke, que registrou imagens do município de Arapongas e da Colônia Esperança no início de sua colonização, na década de 30, vem despertando atenção de pesquisadores e ganhando importância crescente para o resgate e preservação da memória da região norte do estado do Paraná. Seu acervo fotográfico, antes visualizado como simples álbum de recordações, hoje é tratado como um rico documentário imagético, com registros de fatos do cotidiano e do crescimento urbano e econômico da região.

4 IMAGENS DA COLÔNIA

Para melhor apresentação neste estudo, as fotografias da Colônia Esperança foram separadas em temas que forma um conjunto com uma lógica de afinidades entre as mesmas. São eles:

1. **Abertura da mata**, com imagens representativas de todos os trabalhos necessários para que se pudesse abrir os caminhos em meio à floresta, a ajuda mútua, acampamento e instrumentos utilizados nesse processo;

2. **A fé** e a religiosidade católica, tão intrínsecos na ideia inicial de formação da colônia, e tão presentes na vida em comunidade;

3. **A educação**, representada pela escola e pelos alunos, um dos pontos fundamentais na criação dos filhos e no modo de pensar dos japoneses da colônia. Tanto quanto a fé, importante herança e valor cultural repassado através das gerações;

4. **A agricultura e o trabalho**, os grandes responsáveis pelo sonho da terra própria, pelo sustento das famílias e empreendimentos ali realizados, objetivo inicial e sonho daqueles que vieram da terra do sol nascente em busca de melhores condições de vida;

5. **As festividades**, celebrações, eventos cerimônias, principalmente religiosas, que uniam as pessoas em torno do espaço comum da igreja e reforçavam o espírito comunitário e cooperativista; e

6. **O cotidiano**, em que aparecem imagens de família, tarefas domésticas, e demais acontecimentos do dia-a-dia em terras do norte do Paraná.

Em relação ao critério de escolha das imagens a serem analisadas, optou-se pela aplicação da metodologia de Panofsky (descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica) apenas naquelas que apresentem maior riqueza de detalhes e inferências, para que se evitasse a repetição no momento de efetuar as considerações.

4.1 ABERTURA DA MATA

Nesta imagem (Figura 3⁶), observam-se, pela floresta fechada ao fundo, os primeiros trabalhos para a abertura da mata virgem da Gleba Pirapó, mais especificamente no local onde seria erguida a Colônia Esperança, em meados de 1935. Pela descrição pré-iconográfica da cena, nota-se que a paisagem é composta de araucárias nativas (além de outras espécies não-identificáveis ao fundo), típicas da região sul do Brasil, e uma clareira aberta pelos desbravadores. Há cinco pessoas em pé, e muito provavelmente uma delas é um padre, devido ao traje escuro, provavelmente uma batina, diferente dos demais.



Figura 3 – Primeiros trabalhos na Colônia Esperança

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Pela presença da estrutura inicial já erguida - são dois abrigos feitos de madeira e cobertos com palha - da mata e das pessoas presentes, identifica-se, pela análise iconográfica, que se trata da Colônia Esperança. À esquerda, muitos galhos, provavelmente retirados das árvores que serviriam de base para a construção das habitações. E todas estas realizações se tornaram possíveis, desde o início, graças ao trabalho comunitário e conjunto dos desbravadores desta região.

⁶ As legendas das imagens foram elaboradas pela autora, com base nas informações obtidas durante a realização deste estudo. Alguns dados como datas, nomes das pessoas e locais precisos não foram descobertos.

Pela interpretação iconológica, tomando por base o tamanho das araucárias atrás do acampamento, e relacionando-as com a altura das pessoas, pode-se ter uma idéia da altura que as árvores possuíam, na época do desbravamento. Outro fator interessante a ser notado é a presença apenas de homens. Abrir caminhos em meio à mata virgem era tarefa árdua, relegada a eles. Somente depois de possuir alguma estrutura é que mandavam vir as famílias.

A partir desta imagem, pode-se inferir que a intenção do fotógrafo, ao registrar as primeiras atividades na localidade, não devia ser exatamente guardar um documento histórico, mas talvez apenas uma lembrança sobre os primeiros acontecimentos da região. Hoje, ao analisá-la, percebe-se que é um documento que informa detalhes históricos da Colônia Esperança.

Muito provavelmente, a imagem fotográfica foi tomada a partir de uma câmera amadora. Mesmo assim, apresenta boa composição: as pessoas estão num dos pontos-ouro e a imagem foi tomada em plano geral, que tem a capacidade de situar a ação e o homem no ambiente em que ocorre a ação (BONI, 2000, p.66-67). A luminosidade está prejudicada, bem como a qualidade e a resolução, já que se trata da reprodução da fotografia original. É uma imagem posada, que não apresenta movimentação aparente, muito provavelmente devido às condições técnicas de tomada na época.

Apesar de não haver informações sobre o tipo de câmera fotográfica utilizada, percebe-se certa profundidade de campo. As árvores retratadas ao fundo parecem estar mais próximas do que realmente estão, o que evidencia um achatamento da perspectiva. Ainda assim, a fotografia dá conta de ambientar o leitor, remetê-lo ao início da colônia e contextualizá-lo com a realidade dos anos 30, nesta porção do norte do Paraná.

Trata-se de uma imagem paisagística, com harmonia e organização dos elementos. O pequeno acampamento é o que mais chama a atenção, por conter elementos vivos - e se destaca em uma clareira aberta em meio à mata. A partir desta infraestrutura primária, infere-se que os trabalhos já estão acontecendo há certo tempo.

A relevância e a força desta fotografia, que retrata os primeiros trabalhos da colônia, está justamente no fato de remeter a uma realidade que existia anteriormente, e que se encontra bastante modificada na atualidade. Valoriza-se a mesma por conter resquícios históricos da comunidade, que podem ser aplicadas, como neste caso, para documentar este dado período em seu contexto social.

Com a descrição pré-iconográfica da figura 4, observa-se a floresta fechada ao fundo, à direita, araucárias nativas, também ao fundo e à esquerda, e a clareira aberta pelos

desbravadores. Cinco pessoas estão em pé, uma delas sentada ao lado do tronco de árvore, e há uma estrutura prévia montada - uma barraca armada, alicerçada por um tronco esguio, e um pequeno barracão de madeira já construído. À esquerda, muitos galhos, provavelmente restantes das árvores já derrubadas no local. Era o começo da colônia. Assim como a primeira imagem, é um registro de abrigos construídos para o início das atividades na colônia, aplicando-se a análise iconográfica. Tomada em plano médio, interage o sujeito ao ambiente. Por sua característica descritiva, revela-se a abertura da mata virgem da Gleba Pirapó, em meados de 1935.



Figura 4 – Clareira aberta pelos desbravadores em 1935, na (atual) Gleba Pirapó.

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Aprofundando o significado da imagem por meio do *scanning* defendido por Flusser (2002, p.7-8), que é o ato de vaguear pela superfície, é possível realizar outras inferências, unindo conhecimentos históricos e reflexões sobre o conteúdo, que resultam na interpretação iconológica. Pela clareira e pelo acampamento montados, infere-se que os trabalhos já estão acontecendo há certo tempo.

Cenas como esta confirmam a importância do uso de imagens como fonte de pesquisa, posto que "permitem 'imaginar' o passado de forma mais vívida". (HASKELL *apud* BURKE, 2004, p.17). Mais informativa do que o relato oral ou escrito, proporciona um

ponto de vista acerca do desbravamento histórico da Colônia Esperança. São evidências históricas, registros de atos de testemunha ocular.

A figura 5 é, pela descrição pré-iconográfica, uma das estradas abertas em meio à mata fechada da região. Pela imagem, é possível imaginar a dimensão do trabalho que precisou ser realizado para derrubada da mata, devido ao tamanho das árvores, antes que se começassem os primeiros trabalhos nos sítios propriamente ditos, quando se observam as toras à direita, pela análise iconográfica.



Figura 5 – Estrada aberta em meio à mata

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Pela interpretação iconológica da cena, é possível deduzir os motivos de tantos relatos de dificuldades dos primeiros esforços empreendidos na colônia. A floresta fechada era sinônimo de animais selvagens, insetos e inúmeras intempéries climáticas naquela época.

Com a observação de detalhes presentes em fotografias como essa (Figura 6), pode-se entender melhor as lembranças dos que viveram naquela época. Pode-se considerá-la como uma continuação das imagens anteriores, dos trabalhos iniciais. A interpretação iconológica leva a crer que, logo após aberta a clareira, era preciso cortar as toras para a construção de abrigos e abrir caminhos em meio à mata fechada - e esta tarefa

exigia cooperação e força masculina. Como já citado, mulheres e crianças viriam depois, quando houvesse alguma estrutura para recebê-los.



Figura 6 – Homens trabalhando na abertura da mata

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Naquele instante congelado, as toras começavam a ser organizadas, após a limpeza dos troncos e a abertura de uma clareira. O trabalho era braçal, com instrumentos como foices e enxadas. As roupas eram compridas, e confeccionadas provavelmente com tecidos rústicos, como brim e algodão, para que fosse possível suportar as intempéris do clima e da floresta. Completavam o traje chapéus e botas.

Na sequência (Figura 7), observa-se também uma fotografia pertencente provavelmente ao início dos trabalhos na comunidade, em que se retrata, pela descrição pré-icnográfica, o modo como era realizado o transporte das árvores derrubadas pelos pioneiros. No caso, com a análise icnográfica e segundo Ticara Hasegawa e Miguel Makiyama⁷, trata-se da peroba que deu origem à grande cruz de madeira, erguida como símbolo da fé católica na colônia. Com a interpretação icnológica, a imagem evoca o difícil acesso à região, solucionado com a união e o trabalho comunitário.

⁷ HASEGAWA, Ticara e MAKIYAMA, Miguel. Entrevista concedida à autora em 22 de novembro de 2009.



Figura 7 – União de forças para o transporte braçal de toras

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Como o peso das toras era mais do que suporta um homem, e a mata era fechada, impossibilitando a utilização de outros meios, a maneira encontrada para carregar a madeira era, literalmente, unir forças. Com cordas e varas menores, faziam-se suportes para carregar as toras pesadas de um modo facilitado, em grupo. Após a derrubada de árvores, e consequente abertura de clareiras, já era possível montar as primeiras estruturas para propiciar proteção contra as chuvas e o sol. Vale ressaltar que, ainda que o trabalho coletivo não impliquem em união, essa era uma realidade na colônia.

Assim como em muitas das imagens desta pesquisa, os homens que vieram ajudar a abrir a mata usavam camisas de mangas compridas - necessárias, já que a região era fria, e na mata fechada havia muitos insetos. Calças compridas também eram elementos obrigatórios, e os chapéus, sempre presentes. Um deles veste, inclusive, um colete - mais comum em trajes sociais. Os calçados usados eram botas, algumas de cano alto, para melhor proteção contra o desconhecido. Afinal, era preciso se proteger e tentar fugir das condições adversas em meio à mata. O chão de terra apresenta cascas de árvores, que devem ser restos da limpeza de troncos.

Também de câmera amadora, a imagem mostra uma perspectiva dos elementos que a compõem, além de contextualizar e integrar sujeitos e ambiente. O elemento

central é o trabalho realizado pelos homens de carregar a tora. Ou seja: mesmo por acaso, há certa noção de composição fotográfica.

O efeito de realidade conseguido por esta imagem é obtido graças ao seu caráter documental. O retrato histórico do espaço da natureza quase intacta e o segundo que ficou congelado neste registro contrastam com alguns dos problemas apresentados pela fotografia, como o pouco contraste entre claro-escuro e baixa qualidade de resolução - resultado, também, de ser a imagem uma reprodução da reprodução.

Em se tratando de grandes toras (Figura 8), de cerca de um metro de diâmetro, eram serradas por duas pessoas, com auxílio de uma serra manual conhecida como traçador, segundo Verônica Watanabe⁸. Para ela, as dificuldades dos tempos antigos levam à reflexão de que "hoje é tudo fácil", com o auxílio das máquinas modernas e outras tecnologias, se comparado com todas as situações enfrentadas pelos pioneiros, já levando em consideração a interpretação iconológica.



Figura 8 – Serragem de grande tora com serra manual

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Quando o peso e as dimensões da madeira eram menores, ainda assim havia colaboração de todos para o bom andamento dos trabalhos, considerando a interpretação

⁸ WATANABE, Verônica. Entrevista concedida à autora em 06 de outubro de 2009.

iconológica. Na imagem a seguir (Figura 9), uma clareira maior, e várias pessoas dividindo o peso de uma longa tábua de madeira.



Figura 9 – Trabalho conjunto

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

No caso da imagem seguinte (Figura 10), mostram-se alguns instrumentos utilizados nesse período: foices, para cortar pequenos galhos; espingardas, para caça e afugentar os animais; e o traçador, que já apareceu na figura 8, cuja função era o corte das toras, nas mãos de um pioneiro à direita.

Esta imagem tem uma curiosidade particular: em seu verso, consta um carimbo com o nome do historiador Shigeji Ikeda e seu endereço (Rua Rangel Pestana, 1382). Ikeda escreveu duas obras citadas na bibliografia de Igarashi (2005, p.266): *História do Desenvolvimento das Colônias Japonesas do Estado do Paraná*, datado de 1949, e *Epopéia da Colonização Japonesa em Maringá 15º aniversário*, de 1962. Existe ainda outra obra, *História da Evolução Econômica e Imigração Nipônica de São Paulo e Suburbano*, de 1954. Esta peculiaridade não soube ser explicada pela filha do pioneiro Zenzi Watanabe, a quem pertencem as fotografias hoje.



Figura 10 – Pioneiros e ferramentas

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Watanabe

Na próxima fotografia (Figura 11), também, provavelmente, do início dos trabalhos na comunidade, retrata-se o retorno ao acampamento após a caça. Os pioneiros exibem dois animais caçados na mata, que, juntamente com frutos, constituíam a base da alimentação na época. Com a abertura de clareiras, já foi possível armar um abrigo coberto de palha, possivelmente de palmito, árvore abundante na região.

Os indícios presentes nas fotografias permitem a descoberta de pistas de eventos não diretamente experimentáveis por quem observa a imagem (KOSSOY, 2007, p.41), reforçados pela riqueza de detalhes revelados pelo plano médio de tomada desta imagem, que pressupõe a integração do homem ao ambiente, segundo Boni (2000, p.68-69).

A arma, provavelmente uma espingarda, era necessária para a caçada e enfrentamento dos perigos desconhecidos da nova região. A caça era presa pelas patas em um varão, para que o peso pudesse ser dividido entre duas pessoas, até que fosse possível retornar ao acampamento. Os animais aparentam ser porcos do mato, ou mesmo macacos. Também há um balde de lata à direita, que poderia ser utilizado para buscar água ou armazenar comida, por exemplo. Como já observado anteriormente, o chão de terra apresenta cascas de árvores, que devem ser restos da limpeza de troncos.



Figura 11 – Animais silvestres constituíam a base da alimentação dos desbravadores.

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

O uso da imagem fotográfica como instrumento de pesquisa pressupõe que "toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente". (KOSSOY, 2001, p.45). Ou seja, é um retrato de um ponto de vista de determinado episódio. Na Figura 12, percebe-se uma imagem que demonstra como a mata era fechada. Uma pequena queda de água, provavelmente próxima à região onde hoje está a igreja.

Três homens estão posando para o fotógrafo - Zenzi Watanabe é o que está no meio - e é possível ver cipós na parte superior. Pelo tipo de folhagem às margens do córrego, pressupõe-se uma considerável diversidade de espécies vegetais. Este, muito provavelmente, é o Rio Pirapó, a fonte de águas que tanto animou (pela possibilidade de sobrevivência e plantio no local) quanto preocupou (devido à ameaça da malária) Koshiro Suzuki ao chegar ao local da futura Colônia Esperança.

Também se pode caracterizá-la como sendo um plano médio, de interação entre sujeito e meio ambiente, e que mostra detalhes como o cigarro que um dos homens tem na boca - o que evidencia o hábito de fumar ainda em meados dos anos 30, mesmo que fosse apenas para espantar insetos com a fumaça de cigarro de palha.



Figura 12 – À margem de um córrego (provavelmente o Rio Pirapó)

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Watanabe

Na figura 13, encontram-se, de acordo com informações anotadas no verso da fotografia, a ponte sobre o Rio Pirapó, Zenzi Watanabe (provavelmente, à direita) e Hikoma Udihara. No entanto, pelas comparações com imagens conhecidas de Udihara, como a que se encontra em Cesaro (2007, p.107), não se encontra relação entre os homens presentes nesta imagem com o agenciador da CTNP. Entre as hipóteses para esta anotação, há a possibilidade de que Udihara tenha tirado a fotografia, já que era um amante das imagens, tanto as fotográficas quanto as cinematográficas. A ponte, construída totalmente em madeira em meio à mata, era importante meio de acesso às propriedades na colônia, principalmente porque, como se pode notar, era possível atravessá-la com automóveis. Grandes troncos no leito do rio dão a dimensão de quão grandes eram as árvores existentes àquela época.



Figura 13 – Ponte sobre o Rio Pirapó

Fotografia: Autor desconhecido, provavelmente Hikoma Udihara.

Fonte: Acervo da Família Watanabe

Nesta fotografia, a ponte simboliza uma vitória do homem em relação à natureza. Ao menos naquela porção da comunidade, a inteligência e a força humanas conseguem superar a força do rio, e proporcionar um pouco de conforto a quem passava por ali. Por outro lado, a utilização do carro como parte do cenário leva a pensar que a conquista de bens e o registro dessa aquisição faz parte da história humana há muitos séculos. Possuir veículo era -e é, até hoje - sinal de conquista financeira, mesmo que este não fosse exatamente o objetivo inicial e a intenção do fotógrafo e dos fotografados.

Com a observação deste conjunto de imagens, em interpretação iconológica, é possível inferir a força do homem nipônico na domesticação da natureza - com o trabalho em grupo para desmatar, abrir caminhos, ocupar espaços inóspitos, acampar na mata fechada. São fotografias que explicitam o ambiente e as condições hostis que os desbravadores enfrentaram, e que dimensionam parte dos trabalhos que precisaram ser executados para que o local se tornasse habitável e cultivável. Todos esses esforços em busca de melhores condições de vida para si mesmos e suas famílias.

Vale ressaltar que o uso e aplicação dessas imagens fotográficas na atualidade, é, principalmente, como fonte de descobertas sobre um passado de luta e trabalho duro da comunidade. A abertura das matas requeria união das pessoas no trabalho coletivo necessário para que se tornasse possível e viável a construção de uma comunidade católica

japonesa no norte do Paraná. A função que se sobrepõe é a informativa. Ainda que a fotografia não possa revelar todos os detalhes sobre aquele determinado momento histórico, é importante seu valor como documento de informação - essencial para reconstrução da memória da colônia.

O trabalho árduo, necessário para a abertura das matas na época da fundação da Colônia Esperança, assim como as condições difíceis de acesso, são pontos recorrentes quando se relatam episódios das primeiras décadas da localidade. As evidências deste período se tornam mais concretas se houver a presença de imagens como as apresentadas neste trabalho, que se encontram nos acervos da Igreja Sagrado Coração de Jesus e de famílias pioneiras. Todas foram digitalizadas para a utilização nesta análise. Por meio da observação de detalhes e informações das mesmas, é possível demonstrar os aspectos físicos e ambientais da localidade, bem como as histórias a respeito dos esforços e do espírito de cooperação dos moradores.

4.2 A FÉ

Sendo uma colônia formada inicialmente por japoneses católicos, seria lógico pensar que algumas das primeiras realizações seriam manifestações da fé. A primeira missa foi um desses eventos, e aconteceu dentro de um dos abrigos cobertos de folhas de palmito (Figura 12) em 13 de setembro de 1936. Com a descrição pré-iconográfica, bem no centro da imagem, em primeiro plano, de camisa branca, identifica-se o pioneiro Zenzi Watanabe. Em análise iconográfica, o padre, pelas descrições que se encontram, é Emilio Kircher, sempre presente na comunidade em seu início. Nota-se que era a época em que as missas eram conduzidas com o padre de costas para os fiéis, provavelmente rezada em latim, já na interpretação iconológica.



Figura 14 – Primeira missa

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Watanabe

Outra medida tomada pelos moradores assim que conseguiram abrir clareiras foi a construção de uma cruz de peroba (Figura 15), símbolo da fé daqueles pioneiros, que apareceu, ainda como tora, sendo carregada na figura 7. Anos mais tarde, quando a cruz apodreceu na base, teve-se a ideia de transformar a madeira do símbolo principal em pequenas cruzeiras, que foram dadas de presente aos pioneiros.

Com a descrição pré-iconográfica da fotografia, observa-se que as pessoas estão em posição de respeito, a maioria sem os chapéus nas cabeças, como se costuma fazer quando se reza ou se participa de uma cerimônia. Alguns, inclusive, estão de terno e gravata, o que reforça o tom solene daquele instante. Ao centro, em frente à cruz, encontra-se o padre, que conduziu a missa, pela análise iconográfica.

A imagem de um grupo em meio à mata, tendo uma cruz como de destaque, em interpretação iconológica, leva a pensar em um paralelo com a pintura da primeira missa no Brasil, de Victor Meirelles, que também reunia pessoas em torno do símbolo da fé católica.



Figura 15 – A cruz de peroba

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Na imagem seguinte (Figura 16), há a presença das famílias dos primeiros moradores da colônia, provavelmente depois de 1936, quando começaram a chegar para se estabelecerem nas propriedades já abertas. Esta imagem provavelmente foi tomada após uma missa, se pensada pela interpretação iconológica e pela presença das crianças e mulheres. O padre Kircher sentado ao centro, em uma estrutura de madeira, ladeado por diversas crianças pequenas, com os mesmos padrões de cortes de cabelos e roupas - ou seja, muitos meninos carecas, muitas meninas com o mesmo estilo de madeixas cortadas até o queixo, bermudas nos garotinhos, vestidos para as garotinhas. Notam-se também algumas mães segurando bebês e os pais ao fundo. Alguns homens estão vestindo gravata (à direita) e colete (à esquerda), indício de que não se tratava de um dia comum de trabalho. Ao fundo, um abrigo coberto de folhas de palmito, possivelmente utilizado para a celebração religiosa.



Figura 16 – Primeiros moradores com padre Kircher

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Quando foi possível ter a primeira igreja de fato, por volta de 1937, fruto do esforço conjunto, fez-se um registro em frente ao novo templo com os primeiros moradores da localidade (Figura 17). Apesar de a imagem não estar em boas condições, já que é uma cópia digitalizada de uma imagem em um quadro, tem importância como registro de passagem e da existência da igreja.



Figura 17 – Primeiros moradores

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

A fé católica foi talvez o ponto principal de união e cooperação da Colônia Esperança desde o seu princípio. Tanto por meio de depoimentos orais como dos documentos iconográficos, é possível notar que todas as atividades sociais, quando não eram realizadas por motivos religiosos, tinham o apoio e o respaldo da igreja e dos padres. Por outro lado, todos os eventos realizados pela igreja Sagrado Coração de Jesus contavam também com a colaboração e o esforço de todos da comunidade. E muito do sucesso deste empreendimento se deu exatamente pelos trabalhos realizados nesse espírito comunitário.

4.3 A EDUCAÇÃO

Outro ponto considerado essencial dentro da comunidade nipônica, a educação também foi fator para união e cooperativismo. A construção da escola também foi realizada em mutirão. As aulas começaram, segundo diário de Tomio Handa, em maio de 1937. Mesmo antes disso, Harunaga Hasegawa já lecionava e a comunidade o pagava fazendo trabalhos em sua propriedade.

Esta primeira escola (Figura 18), construída em madeira, somente viria a ser substituída em 28 de setembro de 1959, quando foi inaugurado o novo prédio do Grupo Escolar, próximo à antiga escola de madeira. Na imagem, em descrição pré-iconográfica, há grandes troncos de madeira em primeiro plano, e alguns meninos passeando pelas imediações da construção. Pelo menos ali naquela área, a mata já se encontrava devastada, por não haver indício de árvores do lado esquerdo, próximas à escola, em análise iconográfica. Possivelmente, a fotografia é do dia da inauguração das instalações, já que os meninos estão trajando boinas, e um deles até uma espécie de terno, em interpretação iconológica.



Figura 18 – Primeira escola

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Já na Figura 19, uma imagem oficial da inauguração, com autoridades como o padre presentes e perfiladas em pose para a fotografia, com a presença também da comunidade, em uma descrição pré-iconográfica. Por se tratar de uma solenidade, os homens comuns estão todos vestidos com ternos, alinhados e sem os chapéus na cabeça, e à esquerda há a presença de algumas poucas mulheres, em análise iconográfica. Bem atrás delas, no prédio da escola, aparecem duas crianças que saíram "por acaso" na imagem. Provavelmente, com a curiosidade característica dos pequenos, subiram em alguma parte elevada para poder observar a cena da fotografia, e acabaram participando daquele instante congelado, em interpretação iconológica. Ainda mais ao fundo, há a presença de algumas árvores, talvez perobas.



Figura 19 – Inauguração da primeira escola

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

Hasteadas ao centro, na entrada da escola, as bandeiras do país natal - Japão - e do país em que escolheram viver - o Brasil. Os idiomas das duas nações eram lecionados na escola. Há uma espécie de poste do lado direito, que provavelmente fazia parte da decoração com bandeirinhas, que desce do centro para a esquerda.

Muitas - senão todas - as atividades da comunidade ligavam a igreja, a escola e a associação de moradores. Por exemplo, as cerimônias de formatura do grupo escolar aconteciam com missa e depois festa promovida pela associação, com premiação dos melhores alunos, distribuição de doces e confraternização.

A Figura 20, em que aparecem os primeiros alunos da escola e o professor João Segá, é ilustrativa deste fato. A turma e o mestre participaram do registro em frente à igreja de madeira. Por conta da qualidade da imagem, que, apesar de estar digitalizada em boa resolução, é reprodução da reprodução de um quadro, não se consegue dar muitos detalhes, a não ser que as crianças usam calças curtas - os meninos - e as meninas usam saias ou vestidos, tão característicos da diferença entre os sexos nos tempos mais antigos.

Essas fotografias de alunos fazem parte de seu uso popular mais antigo, que, segundo Sontag (2004, p.18) é o de "comemorar as conquistas de indivíduos tido como membros da família (e também de outros grupos)". Com este rito social, preservam-se essas conquistas, e o há uma "proteção" contra a ansiedade de perder momentos como esse em meio

às memórias; e um instrumento de poder, já que "por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma - um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão" (SONTAG, 2004, p.19) e que também possibilita descobertas sobre os costumes, lugares e aparências que se encontram impressas naquele dado registro.



Figura 20 – Primeiros alunos da escola

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

E é por meio de fotografias como essas, que, de acordo com Sontag (2004, p.16) "fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto" que se conseguem buscar as memórias dos acontecimentos na colônia, como é o caso deste estudo. As transformações do tempo são visíveis: por esse motivo que se considera que "uma foto é tanto uma pseudopresença quanto uma prova de ausência" (SONTAG, 2004, p.26), de algo que existia no passado, fez história, mas que se encontra transformado e modificado pela ação do tempo.

As atividades na escola começaram formalmente em 1937. Porém, em 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, em que Brasil e Japão estavam em lados opostos, houve a proibição do ensino de japonês na escola. Segundo o diário de Tomio Handa, o professor Harunaga Hasegawa continuava lecionando a língua materna em sua casa, com os livros escondidos.

No entanto, os trabalhos em português transcorreram normalmente, e em 15 de novembro de 1941, aconteceu a primeira formatura do curso primário da Escola da Colônia Esperança (Figura 21), fotografada pelo Foto Sakura, do Sr. Murayama, de Rolândia. Provavelmente, a fotografia engloba todos os alunos que ali estudavam, já que se incentivava a participação discente nas atividades escolares. Todos estão perfilados, devidamente organizados e uniformizados de branco. Como já citado, aqui fica mais evidente que praticamente não se nota diferença nos cortes de cabelo das crianças. Ao centro, estão professores ladeados por alunos portando bandeiras - possivelmente a brasileira e a japonesa.



Figura 21 – Formatura da primeira turma primária

Fotografia: Foto Sakura

Fonte: Acervo da Família Makiyama

A educação era outro fator fundamental que balizava as ações da Colônia Esperança. Isso se nota pelos episódios da construção do grupo escolar, a decisão de formar uma escola de extensão do primeiro ano primário - que funcionou de 1944 a 1951, na divisa de duas propriedades, como forma de atender a demanda de alunos maior do que a capacidade da escola central - e a posterior conquista de um prédio em alvenaria para abrigar os estudantes, sem contar as aulas no idioma japonês (proibidas durante o período da Segunda Guerra Mundial e que continuaram sendo ministradas secretamente às crianças), a preocupação com os professores e diretores da instituição, que só reafirmam a cultura de valorização da educação intrínseco desses japoneses.

Atente-se para o fato de que tanto as imagens do item fé quanto as da educação apresentam imagens clássicas, facilmente associáveis a outras localidades e a pinturas famosas.

O registro de tais eventos denotam a importância, como já observado, que esta comunidade cuidava destes aspectos, que nortearam os ideais daqueles primeiros moradores e encontram-se preservados por meio destes registros.

4.4 A AGRICULTURA E O TRABALHO

Muitas das famílias da colônia vieram para plantar café. Segundo o livro *Crônica* (1961, folha 11), pelo menos até 1955 o café era a única fonte de renda estável para o sustento das famílias. Nas propriedades como a da família de Yurio Hasegawa (Figura 20), em análise iconográfica, era comum ter um terreirão, local cimentado para secagem dos grãos, e um local apropriado para lavar os grãos, como mostrado nas figuras 20 a 22. Em descrição pré-iconográfica, nesta imagem, vê-se o café amontoado ao fundo, no terreirão. O café era disposto em cima de peneiras, e aí então os grãos eram lavados. Lidar com café era trabalhoso, e rendia serviço para todos nas famílias.



Figura 22 – Trabalho com o café

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

O processo de lavagem do café pode ser visto em detalhe na figura 23, em que trabalham Yurio Hasegawa (ao fundo, de chapéu), o filho, Paulo (de costas, de boné), atentamente observados por Ticara Hasegawa (a criança com a peneira nas mãos), pela descrição pré-iconográfica.



Figura 23 – Lavagem do café

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Durante a secagem, o café deveria ser espalhado pelo chão do terreirão, para secar ao sol, e depois amontoado e coberto com uma lona ao fim do dia, para não receber a umidade do sereno à noite (Figura 24), como fazia Yurio Hasegawa, em interpretação iconológica. Ao fundo das imagens, observa-se que a família já havia plantado algumas árvores frutíferas para formação de pomar.

Cultivar café demandava tempo, por ser uma cultura que demora alguns anos para começar a frutificar, e também boas condições climáticas. Em regiões muito frias no inverno, suscetíveis à geadas, as lavouras de café podem ser inteiramente devastadas, como aconteceu em diversos momentos da história da colônia, como na forte geada de 31 de julho de 1955, que prejudicou a todos os cafeicultores, segundo a crônica (1961), pois as plantações somente voltariam a produzir em 3 anos.



Figura 24 – Amontoar o café

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

A família Hasegawa não vivia somente do café. Conforme relato de Ticara Hasegawa⁹, um dos filhos de Yurio e Tsuru, quando pai chegou à colônia, havia a intenção de plantar café, mas não havia dinheiro. Por muitos anos, a família subsistiu do cultivo de verduras, como na fotografia a seguir (Figura 25). Yurio e Tsuru Hasegawa, vestindo roupas de trabalho, em 1958, ao lado de mudas de verduras que plantavam.

⁹ HASEGAWA, Ticara. Entrevista concedida em 04 de outubro de 2009.



Figura 25 – Yurio e Tsuru Hasegawa, na plantação de verduras

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Uma dessas culturas é o tomate, que aparece na imagem a seguir com alguns dos filhos do casal e outras crianças da vizinhança (Figura 26). Na fotografia, estão presentes, da esquerda para a direita: Maria Uemura, Maria Mihara, Clara Mihara, Kiyoko Hasegawa, e os meninos Tomás Mihara e Estevão Hasegawa (com os tomates na mão). Ao fundo, os tomates espalhados, à espera de seleção, as caixas em que eram acondicionados para venda e alguns instrumentos, possivelmente foices e enxadas, à direita. Como se pode perceber pelos trajés das crianças, era bastante comum que os filhos usassem roupas parecidas, até mesmo iguais.

E é assim que a fotografia, além de seu papel como representação a partir do real (KOSSOY, 1999, p.31), "em função da materialidade do registro", em que se encontra o vestígio de um evento que aconteceu na realidade concreta em certo espaço e tempo, é considerada um documento do real, uma fonte histórica.



Figura 26 – Parte da família Hasegawa no depósito de tomates

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

A plantação de tomates da família era extensa, e já desenvolvida, a julgar pelo tamanho dos tomateiros, que são mais altos do que Yurio, como se pode observar pela imagem (Figura 27) em que o agricultor se encontra, olhando o horizonte.



Figura 27 – Sr. Yurio em sua plantação de tomates

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

A família também cultivava arroz. Na época, segundo relato de Ticara, a maneira que se encontrava para debulhar os grãos era dispor as ramas no chão, e passar por cima com caminhão, como ilustra a figura 28. Antes do procedimento, como se observa, estendia-se uma lona embaixo, para que os grãos não se perdessem. E tudo isso era feito ao lado da plantação de café dos Hasegawa.

Possuir veículos como o caminhão era sinal de que havia progresso na colônia. A princípio, a aquisição de maquinário agrícola e outros equipamentos não era prioridade, devido ao custo. Com o passar do tempo, foi possível obter mais recursos e conquistar benfeitorias desta natureza.



Figura 28 – Caminhão era utilizado para debulhar arroz

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Família Hasegawa

Depois de certo tempo de cultivo de legumes e verduras, a família Hasegawa conseguiu começar a plantar café. No entanto, após a geada de 1955, que devastou as plantações do fruto, a alternativa encontrada foi começar a investir em uma nova atividade, com a qual fosse possível ajudar a recuperação da plantação e garantir nova fonte de renda. Assim começou a Granja Hasegawa, que aparece na figura 29, em 1957, atividade que a família mantém até os dias de hoje. Inicialmente, o esterco proveniente da granja era utilizado para fertilizar o café. Hoje, a venda de ovos e outras atividades na granja garante o sustento da família, e o café não é mais cultivado na propriedade.



Figura 29 – Granja Hasegawa

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

É por meio dos detalhes nela contidos que a fotografia, além de ser imagem fixa e produzida a partir de um artefato físico-químico, "informa sobre os cenários, as personagens e os acontecimentos de uma determinada cultura material", de acordo com Borges (2005, p.82) e pode proporcionar o resgate histórico de localidades que ainda preservem, de alguma maneira, seus registros fotográficos.

Apesar de o plantio do café ser o objetivo inicial dos moradores da Colônia Esperança, outras culturas encontravam seu espaço nas propriedades. Inicialmente, plantaram também milho e feijão, ou, como no caso da família Watanabe, o pioneiro Zenzi cultivava, entre outras culturas, o algodão, como se nota pela figura 30. Note-se que as personagens da imagem provavelmente colocaram suas roupas consideradas "melhores" - ternos, camisas e calças sociais -, especialmente para posar para esta fotografia em meio ao campo de algodão.



Figura 30 – Trabalho com o algodão

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Watanabe

Nem sempre se podia escapar do imprevisto, como o acidente em que tombou o caminhão carregado de algodão (Figura 31). Possivelmente, em interpretação iconológica, devido às tábuas soltas em primeiro plano, infere-se que a ponte não suportou o peso do veículo, que acabou virando e espalhando a carga. A solução foi retirar os sacos de algodão e procurar uma maneira de resolver o problema. E o registro deste acontecimento talvez se tenha dado devido à peculiaridade da cena. Outras possibilidades de interpretação seriam mostrar a organização e a disciplina do trabalho, ou mesmo a rapidez na resolução das dificuldades.



Figura 31 – Acidente com caminhão de algodão

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Família Watanabe

Abrir caminhos em meio à floresta fechada em 1935 foi apenas o início dos trabalhos necessário para que pudessem se desenvolver atividades agrícolas que pudessem sustentar as famílias de pioneiros na Colônia Esperança. Vieram depois o plantio de verduras, cereais, algodão, e o tão propagado ouro verde, o café, protagonista de lucros e prejuízos ao longo da história na comunidade, que preciso, aos poucos, descobrir novas maneiras de produzir e sobreviver no norte do Paraná.

4.5 As FESTIVIDADES

Diversos eventos, principalmente os religiosos, tiveram grande importância na colônia. A começar, por exemplo, em 31 de outubro de 1955, com a festa de Cristo Rei. Segundo o livro *Crônica* (1961), dia da inauguração da nova igreja de alvenaria, cuja celebração se encontra retratada em parte na figura 32.



Figura 32 – Inauguração da Igreja em 31 de outubro de 1955

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Na imagem, pela descrição pré-iconográfica, vê-se a entrada principal da igreja, onde os coroinhas estão provavelmente se preparando para a procissão. O menino com a vela nas mãos, à direita, é Miguel Hirata, e que segura a vela em frente ao rosto, à esquerda, é Aloísio Hasegawa. Interessante notar que por esta imagem é possível saber como era a escadaria original da igreja, pois hoje ela se encontra modificada, com algumas partes cobertas com granito preto. Todo o piso desta entrada está diferente, 54 anos após a festividade.

Uma das fotografias da família Hasegawa tinha a data de 17 de fevereiro de 1957 marcada no verso. Ao consultar o livro *Crônica* (1961, folha 14), e comparar as datas e informações, chegou-se ao fato de que se tratava da data de posse da Diocese de Londrina, recém-separada da de Jacarezinho. Houve solenidade, mas em Londrina, e uma caravana da Colônia Esperança, que passaria a fazer parte da nova diocese, se encaminhou para lá.

No dia seguinte, 18 de fevereiro, às 17 horas, aconteceu uma recepção oferecida pelo clero e pelos japoneses da Colônia Esperança ao "Núncio Apostólico, dom Armando Lombardi, e aos Bispos de Londrina e Jacarezinho, respectivamente, dom Geraldo

Fernandes e dom Geraldo de Proença Sigaud". (*Crônica*, folha 14). Encontravam-se presentes o Padre Custódio; frei Egberto Prangenberg, representando o padre Provincial, o padre Guardião do

Convento São Francisco de São Paulo; frei Graciano Stute, o prefeito de Londrina, representantes da Câmara Municipal e Prefeitura de Arapongas e autoridades das cidades vizinhas.

Na figura 33, vê-se que duas das autoridades eclesíásticas estão saindo do carro, em seus trajes característicos, e seguindo em direção ao corredor formado por moradores da comunidade, em descrição pré-iconográfica. A parte gramada, à esquerda, identifica o local como a frente da igreja em alvenaria, que hoje tem um muro de proteção, em análise iconográfica. A placa de "bem vindo" encontrava-se decorada com folhagens, também ao longo do lado esquerdo. Há ainda, ao lado da placa, as bandeiras do Brasil (esquerda) e do Japão.

Ao lado direito, também se vê carros estacionados e perfilados, com muitas árvores ao fundo. Bandeirinhas completam a decoração. Do lado esquerdo, estão os homens e meninos, e do direito, as meninas e mulheres. Esse era um costume bastante comum na comunidade: mesmo durante as missas, era comum observar que os homens ficavam de um lado, e as mulheres de outro, principalmente os mais antigos, em interpretação iconológica.



Figura 33 – Recepção às autoridades da Diocese de Londrina

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Em outro ângulo, a figura 34 apresenta o frei Graciano Droessler de costas, apontando e falando ao povo. Há muitas meninas e senhoras de costas também, moças vestidas de branco e freiras no centro da imagem. Do meio da multidão, surgem ainda duas bandeiras maiores, e alguns carros ao fundo. Como já observado, autoridades eclesiásticas de batina, homens de calças e mulheres de saias.



Figura 34 – Outro ângulo da recepção às autoridades da diocese de Londrina

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Embora com elementos semelhantes às imagens da recepção da nova diocese, a fotografia seguinte (Figura 35) tem alguns diferenciais que a caracterizam como retrato de outro evento. A estrutura com a placa, que provavelmente é a mesma com os dizeres "bem vindo", tem menos folhagens ao redor, apesar de manter as duas bandeiras na parte mais alta. E está posicionada no mesmo local das imagens anteriores, pois também é possível identificar as árvores e o gramado em frente à igreja. O frei Graciano segue no centro da imagem, acompanhado de um religioso japonês.

Possivelmente, é a visita que aconteceu em 8 de fevereiro de 1958, segundo o livro *Crônica* (Folha 16). Dom Paulo Taguchi, bispo de Osaka, Japão veio à colônia, e houve missa solene e banquete oferecido pela comunidade. Às 8 horas da noite, o bispo realizou uma "conferência aos japoneses", em que todos compareceram. Também exibiram

um filme relatando a viagem do Brasil para o Japão do padre Sazaki e alguns lugares do Japão.

Nesta imagem, não se nota a divisão de homens e mulheres, todos com roupas de ocasiões especiais, no corredor para recepção, como na figura 33. Há a presença de crianças, também ao lado de frei Graciano, e, além das bandeiras maiores, há também um homem segurando um estandarte, que não se consegue identificar por ter sido fotografado pelas costas.

Em interpretação iconológica, verifica-se que por se tratar de uma autoridade japonesa, cinco senhores do lado direito da imagem estão em posição de reverência, tão característica quando há encontro de nipônicos, sinal ao mesmo tempo de respeito e cumprimento.



Figura 35 – Recepção à autoridade japonesa

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus

As cerimônias da comunidade local, como as de primeira comunhão (Figura 36), eram considerados eventos importantes e bem produzidos. Esta talvez tenha sido a primeira do gênero na nova igreja. Nota-se a procissão das crianças participantes, saindo da igreja e contornando os gramados (que ainda não haviam crescido, só estavam plantados), em que meninos e meninas caminham em filas separadas; elas acompanhadas de uma freira. Todos eles levam em mãos os certificados de conclusão desta etapa da vida católica, e as

garotinhas portam véus nas cabeças. Pais, familiares e demais acompanham, como se observa ao fundo. Infere-se que esta cerimônia se deu após 1955, já que aconteceu na nova igreja. No canto esquerdo, o celebrante, frei Graciano, e um coroinha.



Figura 36 – Primeira comunhão

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

As imagens, para Paiva (2006, p.18), são belas e simulacros da realidades. Ou seja, apesar de não serem a realidade histórica em si, contém "porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, induções, códigos, cores e formas nela cultivadas". E cabe aos pesquisadores "decodificar os ícones, torná-los inteligíveis o mais que pudermos, identificar seus filtros e, enfim, tomá-los como testemunhos que subsidiam a nossa versão do passado e do presente, ela também, plena de filtros contemporâneos, de vazios e de intencionalidades". (PAIVA, 2006, p.18).

E nem só de eventos religiosos vivia a colônia. O *undokai* - gincana japonesa em que há provas e brincadeiras diversificadas para poder abranger todas as idades - foi um marco importante de convivência e socialização dentro da comunidade. Na figura 37, a solenidade da abertura do evento reuniu o frei Graciano, autoridades locais e a comunidade, com destaque para as várias crianças ao fundo. O prefeito de Arapongas à época, Sadao

Yokomizo, está de braços cruzados, ao fundo da imagem, bem de frente, com seu vice ao lado possivelmente. Pio Matsuo também se encontra de braços cruzados, à direita. Muito provavelmente, a gincana aconteceu no campo esportivo, próximo à escola e à igreja, que era local apropriado para as competições amistosas. Ao fundo da imagem, observa-se ainda a incidência de muitas árvores, provavelmente eucaliptos.



Figura 37 – *Undokai*

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Entre as muitas provas do *undokai* está a pescaria de garrafas. Em um espaço delimitado na pista de corrida, perfilam-se as pessoas em grupos. Ao sinal de início da prova, cada uma pega uma vara de pesca especial, que tem um prego amarrado na ponta linha. O objetivo é se aproximar da garrafa e fazer com que o prego se encaixe dentro do gargalo, possibilitando a pesca. Quem pescar a garrafa primeiro e chegar com a mesma na ponta da vara na linha de chegada é o vencedor.

Ou vencedora, no caso da figura 38, que retrata mulheres pescando garrafas. Esta prova gravada nesta imagem era específica para senhoras, que já tinham tirado os sapatos possivelmente para facilitar o desempenho na competição, pela interpretação iconológica. Mesmo assim, ainda não haviam abandonado o costume de usar saias.



Figura 38 – Pescaria de garrafas

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Os escoteiros também estavam presentes na colônia, como se pode observar pelas imagens a seguir (Figuras 39 e 40). A primeira é uma exceção - tem legenda, data e autor visíveis - o que era raramente feito nas fotografias da época, principalmente aquelas tiradas por amadores, caso da maior parte das imagens que constam neste trabalho.

É a "vista parcial da festa dos escoteiros em 10/01/1943 em Colônia Esperança", fotografada por Jamil Jabra Malke - fotógrafo pioneiro da cidade de Arapongas. O espaço aberto está decorado com bandeirinhas e há barracas, além de muitas pessoas. Os presentes estão vestidos com roupas de festa - note-se pelas boinas na cabeça dos meninos, vestidos com laços das mulheres e as sombrinhas. Ao fundo da imagem ainda existem muitas árvores e também uma plantação, possivelmente de milho, já bastante desenvolvida.

Em ata de reunião da associação japonesa, datada de 6 de janeiro de 1943, encontra-se a divisão de tarefas necessárias para o acontecimento desta festividade. Os membros do departamento de cultura deveriam estar acompanhados dos chefes de cada seção, e ir até os sítios dos moradores para arrecadar porcos, verduras e frangos. E, para a alimentação dos ajudantes da festa, os chefes de cada seção e membros do departamento de cultura deveriam fornecer café e arroz.



Figura 39 – Vista parcial da festa dos escoteiros em 10 de janeiro de 1943

Fotografia: Jamil Jabra Malke

Fonte: Acervo de Maria Edna Grassano

Pela imagem a seguir (Figura 40), nota-se que existia integração entre as atividades ali realizadas. É uma tomada que reúne alunos do Grupo Escolar (à direita) e alguns escoteiros, à esquerda. Todos devidamente uniformizados e perfilados em frente à escola, com a presença da comunidade e de algumas autoridades.



Figura 40 – Escoteiros e alunos em frente ao Grupo Escolar da Colônia Esperança

Fotografia: Jamil Jabra Malke

Fonte: Acervo de Maria Edna Grassano

Conforme crescia e se desenvolvia, a Colônia Esperança atraía olhares e novos moradores vindos de todas as partes. Sejam festividades religiosas ou da comunidade, o espírito de cooperação e a organização nipônicas estavam sempre presentes, como se pode notar pela observação das imagens apresentadas. E contribuíam para este aumento de visibilidade da localidade e de sua população.

4.6 O COTIDIANO

Nem todos possuíam câmeras fotográficas no início das atividades da colônia. Era comum aparecerem fotógrafos de ocasião nas propriedades, oferecendo seus serviços. Na figura 41, aparece a família Hasegawa com alguns dos 13 filhos (em uma descrição pré-iconográfica). Pela análise iconográfica, nota-se o casal Yurio e Tsuru sentado, segurando os filhos menores, provavelmente Aloísio, Paulo, Francisco e Tomás. Em pé, o irmão de Yurio, Harunaga. As crianças vestem macacões de calças curtas, e a senhora, camisa e saia. Posar para fotografias era acontecimento, o que se infere principalmente devido aos trajes formais dos homens - terno, gravata e camisa, em uma interpretação iconológica.



Figura 41 – Parte da família de Yurio Hasegawa em novembro de 1940

Fotografia: Foto Sakura

Fonte: Acervo Família Hasegawa

A presença de cães nas propriedades rurais se justificava não apenas por seu companheirismo, mas por sua lealdade ao denunciar a aproximação de pessoas e animais. Como se vê na figura 42, a família Hasegawa também contava com amigos caninos na propriedade. Juntamente com dois dos filhos de Yurio e Tsuru Hasegawa, Aloísio (à esquerda) e Ticara, o cãozinho faz pose. Os três estão em frente a um caminhão Dodge.



Figura 42 – Filhos de Yurio Hasegawa e o cão.

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Família Hasegawa

O cachorro, chamando a atenção do fotógrafo e das crianças, fazia seu show, observado pelos meninos com aparência tímida e recatada - a julgar por seus braços entre as pernas e sorrisos acanhados. A julgar pelas dificuldades técnicas da época, em que fazer fotografias era algo caro e até raro, que por vezes se prestava para registrar a conquista de algum bem material, pode-se inferir que a habilidade do cãozinho fosse apenas um pretexto para mostrar o veículo Dodge ao fundo. Não somente como símbolo de progresso, mas de evolução na vida em uma nova localidade.

As visitas de religiosos sempre aconteciam nas propriedades, como o encontro do padre Sasaki (à esquerda) com a família Hasegawa para um chá, retratado na figura 41. Em descrição pré-iconográfica, nota-se que a casa e os móveis são de madeira, o bule, provavelmente de porcelana, assim como o prato em que estão os bolinhos e as tigelas. Os demais utensílios da mesa parecem um pincel, dois potes transparentes e uma espátula

metálica. Bem no meio da imagem, em análise iconográfica, identifica-se Ticara, de camisa clara, e Aloísio, de costas. À direita, uma parte do rosto de Yurio, que aparece cortado na fotografia. Pelo lampião na parte superior, infere-se, por interpretação iconológica, que a iluminação da casa não era elétrica.



Figura 43 – Padre Sasaki em visita à família Hasegawa

Fotografia: Pedro Miida

Fonte: Acervo Família Hasegawa

Na descrição pré-iconográfica da figura 44, encontra-se um grupo de pessoas em frente a um automóvel. Em análise iconográfica, há na imagem Mitio Mima, Ticara, Kiyoko, Yurio Hasegawa e uma visita, de identidade desconhecida. Segundo Ticara Hasegawa, um dos religiosos radicados na colônia gostava muito de fazer fotografias, além de diversos outros trabalhos - o frei Pedro Miida, que aparece ao fundo, à esquerda, de macacão claro e chapéu. Em interpretação iconológica, infere-se que era um dia comum de trabalho, em que algumas pessoas foram, talvez em visita, ao sítio dos Hasegawa. Frei Pedro permaneceu durante 12 anos na colônia, entre 1948 e 1960, e ali trabalhou bastante em prol da comunidade.



Figura 44 – Frei Pedro, Yurio Hasegawa e outros

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Hasegawa

Nas tarefas do cotidiano, incluía-se lavar roupas. E todos, inclusive as crianças, tinham que ajudar (Figura 45). A estrutura utilizada pelos vizinho da família Watanabe era, como se observa, troncos entalhados para que pudessem caber a água e as roupas. Na imagem, os pequenos da família Watanabe estão se divertindo molhando provavelmente um cãozinho, que espirrou água - e as gotas se congelaram na imagem. Uma das meninas está lavando uma peça de roupa, esfregando na tábua. Ao fundo, além de uma grande árvore, há um poço, fonte de água para o consumo da família. Estruturado com telhado e um mecanismo de manivela em que se prende uma corda com um balde na outra ponta, para poder fazer a captação da água. E a casa ao fundo. As crianças da imagem são Renato Watanabe, Bonifácio Watanabe, Emilio Tanamati, Flaviano Watanabe, Neusa e Monica Tanamati, na casa família Tanamati.



Figura 45 – Crianças e os locais para lavar roupas

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Watanabe

O patriarca da família Watanabe, era conhecido por ter o primeiro caminhão da colônia. Segundo Alonso (1998, p.5),

O pioneiro Zenzi Watanabe foi o primeiro proprietário de veículo na colônia, uma camioneta tipo pé-de-bode, com o qual buscava mercadorias em Rolândia (na época Caviúna). Na época levava listas de encomendas dos moradores. Muitas vezes, a carga era tão grande que demorava um dia inteiro para fazer o percurso de Rolândia até a Colônia Esperança.

Zenzi costumava levar não apenas as cargas, mas também os amigos e a família no caminhão, como se vê na figura 46. Em cima da carroceria de madeira, além de diversos homens que estavam pegando uma carona, há inclusive uma estrutura de madeira preparada para que as pessoas pudessem se segurar ao embarcar no veículo. Um dos passageiros está com o casaco na cabeça, talvez para se proteger do sol. Todos vestem blusas e bonés ou boinas.



Figura 46 – O caminhão

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Watanabe

No entanto, nem sempre era possível seguir adiante. As más condições das estradas e o excesso de chuvas impediam o prosseguimento do veículo. E o jeito era descer e empurrar quando o caminhão atolava, como mostra a Figura 47. Por esta fotografia, fica mais evidente a estrutura de madeira acoplada à carroceria. Nela, pode-se ver uma lona, que provavelmente protegia as pessoas do sol e da chuva.



Figura 47 – Caminhão atolado

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo da Família Watanabe

Pelo menos onze pessoas desceram para empurrar - algumas delas estão com jaleco, um indício de que se tratava de estudantes. À época, era costume utilizar esta vestimenta durante as aulas. Do primeiro plano da fotografia, infere-se que o motivo desse atolamento era o barro, que está bastante aparente.

Na colônia, também havia a associação das mulheres - o *fujinkai* - retratada na Figura 48. Em pose para a fotografia, as senhoras japonesas se perfilaram ao lado da igreja de madeira, provavelmente após a missa. Todas com vestidos compridos, muitas com cabelos presos em penteados. Há, inclusive, uma delas ao fundo à esquerda que segura um bebê no colo. As mulheres também se uniam e cooperavam com as atividades na comunidade, quando era necessário cozinhar para alguma recepção, por exemplo.



Figura 48 – Fujinkai

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Família Watanabe

Outra atividade comum entre moradores da colônia era o teatro, como se observa na figura 49. Um homem e um menino estão com figurino da peça, no gramado próximo à igreja de madeira, que hoje não mais existe, em descrição pré-iconográfica. Árvores e um caminhão completam o cenário, em análise iconográfica. Era comum grupos de jovens e adultos se reunirem para ensaiar e apresentar peças teatrais, trajando roupas típicas da cultura japonesa. Era mais uma forma de integração e confraternização difundida na comunidade.



Figura 49 – Teatro

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Família Hasegawa

Não havia apenas um ponto de integração da comunidade, sem contar o vínculo religioso. A figura 50 mostra dois estabelecimentos comerciais que funcionavam ao lado da igreja: uma espécie de armazém conhecido entre os moradores como venda, que comercializava bebidas e alguns outros artigos, e o correio, que funcionou por algum tempo na comunidade. Note-se que há alguns homens, todos de terno, em frente aos estabelecimentos, posando ao lado de dois veículos, e um cachorro descansando no chão de terra batida. Aqui, a observar pelo conjunto dos carros associados às vestimentas e as poses, pode-se inferir que, além de registro histórico, desejava-se guardar uma lembrança das pessoas ao lado dos automotores, possivelmente como maneira de provar a melhoria nas condições de vida e de conquistas pessoais.



Figura 50 – Correio e Venda

Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Família Watanabe

Dentre muitos documentos históricos, um registro importante que foi recuperado é uma gravação que, segundo Miguel Makiyama, foi feita em 1985, durante os preparativos para a comemoração do cinquentenário da Colônia Esperança, com iniciativa do padre João Sakae Idóí, pároco da época. Trata-se de uma gravação em fita cassete de uma conversa entre Koshiro Suzuki e Shoji Sakate, dois dos três primeiros que chegaram à colônia, sobre o começo de tudo. Acompanhados de Hiroyuki Nihei e Hiroji Sato, Koshiro Suzuki e o padre Idoi foram a Mato Grosso encontrar Shoji Sakate, especialmente para saber detalhes da época da colonização.

A gravação foi transferida para arquivo de áudio nos estúdios da Rádio UEL FM, em 2007, e necessitou passar por edição para diminuir o volume dos ruídos externos que continha (trabalho realizado por Rafael Martins Xavier), para então poder ser ouvida e traduzida por Sirley Eiko Tokushima Sato. Somente depois deste trabalho, pode ser incorporada às informações desta dissertação.

Muitos documentos que deveriam estar nos arquivos da Igreja Sagrado Coração de Jesus encontram-se na casa de um dos pioneiros, a pedido de um dos padres que se importava com a preservação da memória e da história da colônia. Com a entrada de seminaristas para fazer uma limpeza na casa paroquial e transformá-la em seminário, outros registros se perderam ou foram descartados e queimados. No entanto, vale ressaltar a

importância de fatos que ficaram gravados no livro *Crônica*, por exemplo, e que ganham ainda mais relevância se contextualizados e unidos às informações contidas nos documentos iconográficos.

Nas fotografias da família Hasegawa, há imagens de um evento, que ficou datado como 17 de fevereiro de 1957. No entanto, nos registros do livro se tem os relatos de que neste dia aconteceu a posse da Diocese de Londrina, que acabara de se desmembrar da diocese de Jacarezinho. Apenas no dia seguinte, dia 18, a colônia recepcionou as autoridades eclesiásticas e políticas. Ao relacionar a fotografia de família com o livro *Crônica*, pode-se concluir que outras imagens do acervo da igreja, que estavam sem identificação, também faziam parte da festividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que se uniram os ideais de formação de uma comunidade católica formada por japoneses que viviam no Brasil com os objetivos da Companhia de Terras Norte do Paraná existe a Colônia Esperança. Os japoneses buscavam melhores condições de vida e trabalho, em que fosse possível manter não só os laços entre nipônicos, bem como tradições e costumes de seu país de origem e a fé católica. A CTNP pretendia vender lotes para imigrantes da terra do sol nascente por meio de seu agenciador Hikoma Udihara.

Tal conjuntura de eventos favoráveis foi apenas o início desses 74 anos de história, em que foi necessário desmatar a floresta virgem para que se pudesse identificar as propriedades e começar a organizar os locais para que se tornassem habitáveis pelas famílias que viriam, em grande parte, do interior de São Paulo, da cidade de Promissão.

Em seguida, com a organização e sistematização da vida comunitária, vieram os familiares e as diversas atividades que integravam esses japoneses: as celebrações religiosas, os eventos escolares, culturais e esportivos. Então, paralelamente a essa profusão de novidades, começaram os trabalhos para o cultivo e prover a subsistência dos moradores que haviam acabado de adquirir suas terras no Brasil.

A Colônia Esperança existe até hoje. Porém, não com as mesmas condições e magnitude, já que ali habitam pessoas de diversas descendências e encontram-se propriedades de diferentes tamanhos e finalidades de produção. Por tratar-se de uma experiência peculiar - e por conta das manifestações com o centenário da imigração japonesa - este trabalho se propôs a resgatar a história desta comunidade, baseado em depoimentos e documentos inéditos, que ainda se encontravam preservados com particulares.

Como principal foco de estudos, o regate da história por meio de imagens que anteriormente faziam parte apenas de acervos particulares e álbuns de família que assume o papel de memória dos eventos que ali aconteceram e que possibilitaram o desenvolvimento e a prosperidade daquele local.

Essa recuperação histórica por meio de imagens fotográficas tem a característica de permitir a visualização de cenários das épocas passadas. Ainda que sejam recortes de um espaço e um tempo específicos, são provas de que existiram as situações que ali ficaram gravadas e aconteceram as mudanças do tempo. No caso, utilizou-se a demarcação de tempo entre o início da Colônia Esperança, por volta de 1934, e a década de 60.

Soma-se ainda o fato de que as fotografias, além de serem um registro - a memória visual acerca do mundo físico e da vida dos indivíduos -, são fonte inesgotável de informação e emoção. São testemunhos visuais que trazem em si uma série de dados reveladores, que instigam novas descobertas, diferentes questionamentos e levam a investigações mais profundas sobre o assunto a ser historiado.

Desde o início de sua trajetória, as imagens fotográficas têm contribuído para o registro (em seu tempo) e a recuperação (em tempos posteriores) da história. Ao longo dos anos, as fotografias passaram de mera ilustração à condição de instrumento de pesquisa e documento histórico, até chegar à atualidade, em que têm sido utilizadas como fontes de pesquisa, como foi o caso deste trabalho.

Para que se atingisse o objetivo de explorar ao máximo a capacidade das fotografias, a metodologia empregada consistia em três etapas: a descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica. Esses procedimentos, sistematizados por Panofsky nas artes plásticas e aplicada anos depois para os estudos em fotografia por Kossoy, visam olhar as imagens não apenas como meras ilustrações do mundo, mas como formas de transmitir informações de natureza cultural e artística, entre outras.

A descrição pré-iconográfica possibilitou o relato dos elementos constituintes das cenas; a análise iconográfica proporcionou a identificação das situações vivenciadas nas fotografias; e, finalmente, a interpretação iconológica relacionou as descobertas das etapas anteriores com os eventos, documentos de outras naturezas e relatos dos moradores da Colônia Esperança, visando apontar caminhos que levassem a um maior entendimento da história.

As fotografias utilizadas foram emprestadas dos acervos de particulares e da própria Igreja Sagrado Coração de Jesus, fundada pelos japoneses na comunidade, selecionadas e digitalizadas especialmente para este fim. Posteriormente, foram divididas em temas que facilitassem sua organização e transmitissem alguns dos valores nelas contidos: 1. abertura da mata, com os trabalhos iniciais para tornar a floresta habitável; 2. a fé, principal ligação entre os primeiros moradores; 3. a educação, um dos pilares da formação pessoal na cultura japonesa; 4. a agricultura e o trabalho, que possibilitavam a subsistência; 5. as festividades, que também uniam e integravam a comunidade; e 6. o cotidiano e as atividades corriqueiras que transformaram a colônia.

Nesta pesquisa, os relatos de moradores foram fundamentais para que se chegasse mais a fundo nos detalhes dessa história. Com a utilização da história oral como técnica, foi possível a descoberta de atividades, eventos e acontecimentos muitas vezes

desconhecidos pelas gerações mais novas. Se não fossem pelos relatos, as histórias se perderiam por completo -tal qual já aconteceu com as que já se perderam com o falecimento da maioria de seus primeiros habitantes, aqueles que, além de acreditar na concretização da comunidade, empreenderam seus esforços para que ela se transformasse em realidade.

Esta dissertação aconteceu para suprir uma lacuna importante na história da Colônia Esperança, e mesmo da cidade de Arapongas e da região em si. Apesar de ser um dos locais de relevância fundamental para o desenvolvimento dessas localidades, a colônia e sua história ainda não se encontrava devidamente sistematizada, ainda que já houvesse estudos falando das características linguísticas (Pereira) e história demográfica (Andrade). Com este estudo, espera-se instigar futuras pesquisas nas diversas áreas aqui abordadas, como a cultura japonesa, e que os trabalhos que se utilizem da aplicação da história oral e da fotografia na recuperação histórica possam encontrar aqui um incentivo e possibilidade de disseminação.

Atualmente, os japoneses são minoria na colônia. Muitas das famílias pioneiras venderam suas propriedades, outras ainda administram seus sítios sem ali habitarem. Apenas uma parcela de descendentes mora na comunidade. Por motivos diversos, os filhos, netos e bisnetos dos colonizadores foram, aos poucos, deixando a localidade.

Este era um cenário que já preocupava o sr. Zenzi Watanabe ainda na década de 80, quando conversou com Taku Aramasa, um fotógrafo japonês que veio à América do Sul fotografar os conterrâneos que saíram do Japão em busca de melhores oportunidades do outro lado do planeta. Dirigindo-se diretamente a seu interlocutor, Watanabe, aos 84 anos, dizia:

Aramasa-san, onde você está agora, tanto quanto esta estrada, aquela igreja e esta colina - de fato, tão longe quanto puder ver, consistia em uma grande floresta primitiva. Atraído muito tempo atrás pelo poder mágico das palavras "espírito pioneiro", eu me estabeleci neste adorável sítio. Mas os sansei e yonsei deixam esta querida colônia para sair para as cidades para encontrar um emprego, e então eles se tornam atendentes ou algo assim. Então é para isso que nós da primeira geração trabalhamos tão duro para colocar nossos descendentes na faculdade? (ARAMASA, 1985, p.25) [Tradução livre de Larissa Ayumi Sato].

Esta dissertação é minha maneira de dizer ao senhor, Watanabe-san, e a todos os que aqui viveram e contribuíram para a elaboração desta história, *domo arigato gozaimasu*.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Antonio Padilha. **Comunidade Nipo-brasileira de Arapongas, Paraná.** História - pioneiros - atualidades. Londrina: Modelo, 1998.

ALVES, Edinelson. A luta pela sobrevivência na mata. **Folha de Londrina.** Londrina, 24 jan. 1993. Caderno Paraná, p. 10.

ALVES, Maria Bernardete Martins; ARRUDA, Susana M. de. **Como fazer referências.** Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/home982.html>>. Acesso em 10 abr. 2008.

ANDRADE, João Corrêa de. **A Colônia Esperança: o japonês na frente pioneira norte - paranaense.** 1975. Dissertação (Mestrado em História Demográfica). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1975.

ARAMASA, Taku. **A portrait of Japanese Immigrants to South America.** Japão: Asahi Shimbunsha, 1985.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A prática da reportagem radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro.** 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2006.

BONI, Paulo César. **A fotografia como mídia visual da recuperação histórica de Londrina.** In: V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2007, São Paulo. Disponível em <<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/resumos/R0109-1.pdf>> Acesso em 22 dez.2009.

_____. **O Discurso Fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - ECA/ Universidade de São Paulo, 2000.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** Bauru: Edusc, 2004.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. **Representações urbanas: Militão Augusto de Azevedo e a memória visual da cidade de São Paulo.** In: TURAZZI, Maria Inez (Org.) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 27, p.110-123, 1998.

CESARO, Caio Julio. Memória e identidade regional no cinema de Udihara. **Discursos fotográficos.** Londrina, v.3, n.3, p.97-112, 2007

COLÔNIA ESPERANÇA. **Crônica.** Documento da igreja. Arapongas: s.ed., 1961.

COMPANHIA Melhoramentos Norte do Paraná. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná.** São Paulo: Edanee, 1975.

FIERLI, Aglaé de Lima; REIS, Márcia Cristina dos. **Aula de metodologia de pesquisa e normalização.** 12 mar.2008. Notas de aula.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

IGARASHI, Toshio. **História da imigração japonesa no Paraná.** Londrina: Ed. do autor, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: O efêmero e o perpétuo.** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces.** Disponível em <http://www.historia.uff.br/labhoi/modules/rmdp1/uploads/May07nGmehMYF_atraves_imagem.pdf> Acesso em: 28 nov. 08.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MESTRADO COMUNICAÇÃO VISUAL UEL. **Normas para dissertação.** Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestradocomunicacao/?page_id=27>. Acesso em: 19 nov. 2009.

MORRE o fundador da Colônia Esperança. **Folha de Londrina**. Londrina, 02 mar. 1993. Caderno Paraná p. 6

OGUIDO, Homero. **De imigrantes a pioneiros: a saga dos japoneses no Paraná**. Curitiba: Ed. do autor, 1988.

PAIVA, Eduardo França. **História e imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PEREIRA, Édina. **Um estudo sociolinguístico na Colônia Esperança**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PROMISSÃO. **Promissão: berço da colonização japonesa no Brasil**. Disponível em <<http://www.promissao.sp.gov.br/>>. Acesso em 15 out.2009.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e Memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.) **O fotográfico**. 2.ed. São Paulo: Hucitec/ Senac São Paulo, 2005.

SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004, p.11-35.

SOUZA, Naici Vasconcelos. **Pioneiros de Arapongas**. Semeadores do Progresso. Arapongas: Ed. da autora, 1996. p. 276-286.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

YAMAKI, Humberto. **Mini atlas da Colônia Internacional**. Londrina: Humanidades, 2008.

_____. Museu Histórico de Londrina abriga exposição "Atlas da Colônia Internacional". In: **Portal Japão**. 2008b. Disponível em <<http://www.japao.org.br/modules/news/article.php?storyid=269>> Acesso em 22 out. 2009.

ENTREVISTAS

HASEGAWA , Ticara. Entrevista concedida à autora em 22 nov. 2009. MAKIYAMA, Miguel Massake. Entrevista concedida à autora em 22 nov. 2009. SUZUKI, Inácio. Entrevista concedida à autora em 13 jun. 2008.

SHOJI, Sakate; SUZUKI, Koshiro. Entrevista concedida em japonês ao padre João Idoi em 1985. Tradução de Sirley Eiko Tokushima Sato.

WATANABE, Verônica. Entrevista concedida à autora em 06 out. 2009. **OUTROS**

DOCUMENTOS PESQUISADOS

HANDA, Tomio. Livro de registro de dados das famílias que adquiriram propriedades na Colônia Esperança, escrito em japonês e português.

Livros ata das reuniões da associação de moradores (1937-1963). Tradução: padre João Idoi, com auxílio de Neusa Tanamati e outros.

Livro Crônica, com informações do cotidiano da Igreja Sagrado Coração de Jesus e da comunidade da Colônia Esperança, escrito pelos secretários da paróquia e pelo frei Graciano Droessler.

LOCAIS DE PESQUISA

Acervo da Igreja Sagrado Coração de Jesus, na Colônia Esperança. Acervos pessoais do entrevistado.

Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina.
Biblioteca da Universidade Estadual de Londrina.